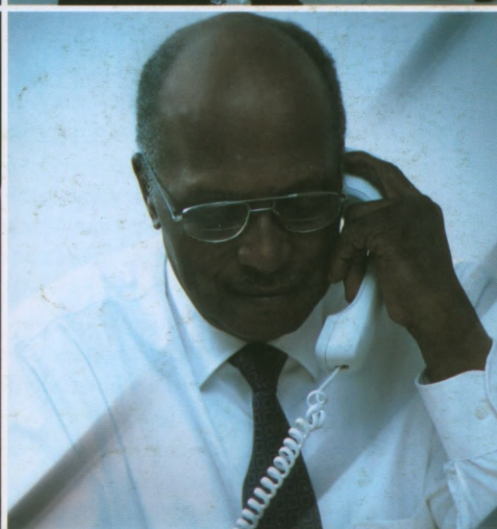
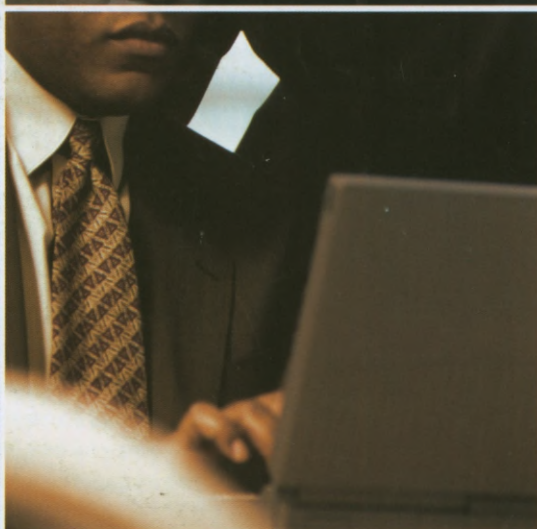




Novembro - Dezembro de 2006

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



Pós-modernismo

- ◆ Um mundo de oportunidades para a pregação do evangelho
- ◆ Como a igreja pode responder às mudanças dos novos tempos
- ◆ O que Deus deseja realizar através dos Seus ministros





Nikolaus Satelmajer

Editor de Ministry

DÊ-LHES SUA VOZ

Mal podendo ouvir o cochicho rouco da mãe, a garotinha de apenas três anos perguntou o que havia de errado. “Perdi a voz”, respondeu a mãe. Em sua tentativa inocente de ajudar, a menina disse: “Então fala com a minha voz.”

Algumas vezes, ministros do evangelho precisam emprestar sua voz a outras pessoas, pois, de outro modo, elas nunca serão ouvidas; jamais terão voz.

Nosso mundo enfrenta problemas decorrentes de todo tipo de poluição, incluindo a sonora. E é difícil nos livrarmos desse tipo de poluição – há o barulho dos carros, aviões e motocicletas, barulho de cidades abarrotadas com milhões de pessoas. Não raro, alguém precisa gritar para ser ouvido. Entretanto, alguns indivíduos são mais ouvidos que outros. Pessoas consideradas *importantes* normalmente não têm dificuldade para serem ouvidas, enquanto outras vozes são ignoradas. Acaso, fomos treinados para ignorar determinadas pessoas?

Como ministros de Deus – pastores, administradores, capelães, professores e líderes voluntários – necessitamos dar nossa voz a todas as pessoas a fim de que elas possam ser ouvidas, e suas necessidades possam ser satisfeitas. Porém, dar nossa voz a alguém significa mais que meras palavras; tem que ver com ações práticas. Significa reconhecer e compreender suas necessidades, e fazer nosso melhor para ministrar-lhes a devida assistência. E tudo deveria ser feito de modo a preservar e realçar a dignidade do necessitado.

Foi assim que Cristo agiu, ao dar Sua voz a outros. Ele dava atenção especial às criancinhas, embora os discípulos fizessem o contrário. Marcos escreve que Jesus “tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava”. Mar. 10:16. Esse gesto revelou Seu interesse pelas crianças que, normalmente, eram ignoradas e consideradas sem importância pelos adultos.

Curar era uma das atividades favoritas de Jesus e parte central de Seu ministério. Os evangelhos relatam muitas histórias de cura. Estando na prisão, João Batista

enviou discípulos para indagar se Cristo era, de fato, “aquele que devia vir”. A resposta pode ter sido surpreendente para os discípulos de João: “Ide, e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: Os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho.” Mat. 11:4 e 5.

Note o que Cristo disse sobre Sua missão. Essa declaração focaliza as necessidades de indivíduos frequentemente esquecidos: cegos, crianças, leprosos, surdos e outros igualmente ignorados. Ele escolheu não dar simplesmente uma declaração teológica para se referir à pregação das boas-novas, mas também mencionou os pobres, outro grupo frequentemente esquecido.

Como nos identificamos com as pessoas? Como nossas congregações são identificadas? Temos em mente que todas as pessoas são importantes para Jesus? Devemos focalizar nossa atenção sobre todos os indivíduos, indistintamente: o surdo, cego, deficiente físico ou mental, aqueles que consideramos jovens ou velhos demais para ter alguma importância, o divorciado e o oprimido. Podemos acrescentar a essa lista os doentes, os

pobres e outros mais. Mas, a pergunta permanece: que estamos fazendo em favor dessas pessoas? Sabemos pelo menos que elas existem em nossa comunidade?

Com isso, acaso estamos tentando sobrecarregar pastores e congregações, que já enfrentam muitos desafios, com um ministério adicional? Pode ser. Afinal, a maioria dos ministérios é desenvolvida pelos pastores e suas congregações, com o apoio dos Campos. Que tal, por exemplo, implantar um novo ministério direcionado às pessoas em situações como as que foram relacionadas anteriormente, e que se sentem esquecidas e marginalizadas?

Ouçã esses indivíduos ignorados. Partilhe sua voz com eles. Certamente, isso os ajudará a sentir que são ouvidos. E, como igreja, teremos a preciosa chance de canalizar nossos esforços para a satisfação das necessidades deles. Afinal, não foi isso o que Jesus fez?

“Não fomos treinados para ignorar pessoas”



William de Moraes

O DESAFIO DE SEMPRE

Certo pastor recebeu a seguinte carta, que lhe foi enviada por uma jovem de sua igreja: “Estou me debruçando com um problema e espero que o senhor, como meu pastor, possa me ajudar. Descobri que minha vida no trabalho é muito diferente da vida que temos na igreja.

“Estou concluindo que ser adventista no trabalho é muito difícil. Somos minoria, e a maneira de viver dos não-adventistas é a norma geral da sociedade. Sei que, em seu estilo de vida, os adventistas revelam uma diferença. Também sei que, quando a oportunidade aparece, devemos desafiar o que outros vivem e crêem, embora sem exercer juízo condenatório. Ao tentar fazer isso, às vezes tenho sucesso, às vezes, falho. Porém, estou chegando à conclusão de que, nos dias atuais, é quase impossível desafiar o ponto de vista da multidão.

“Meus colegas do escritório não são criminosos. São agradáveis e excelentes companheiros, que estão buscando a felicidade. Tenho uma amiga que é uma das pessoas mais maravilhosas com quem já convivi. Todavia, ela vive com o namorado e nem é fiel a ele. Ocasionalmente, também usa drogas.

“Costumamos falar que devemos ‘odiar o pecado e amar o pecador’, mas o que dizer para alguém que não crê estar pecando? Como posso viver no mundo e não ser do mundo? Devo fechar-me numa experiência cristã de isolamento e somente me relacionar com os que pensam como eu? Ou devo concluir que esta é a luta que Cristo espera que eu enfrente?”

Essa carta reflete o desafio enfrentado pela igreja, seus membros e pastores. Como evangelizar indivíduos para

os quais valores e práticas religiosos são irrelevantes e superados? As mudanças experimentadas pela sociedade nos trouxeram a uma época marcada pela ausência de verdades e valores absolutos: a era pós-moderna, na qual homens e mulheres buscam algo em que acreditar. E, em meio às idas e vindas socioculturais do nosso mundo, algo se manteve inalterado: nosso papel missionário. Seu desempenho requer o máximo dos nossos talentos, tempo e energia, a fim de que a mensagem envolvida seja relevante para os dias atuais.

Mas, não precisamos nos assustar. Em seu livro *Caesar and Christ*, Will Durant apresenta características da sociedade do primeiro século, iguais às da sociedade contemporânea. Naquela época, também havia prostituição, prática de aborto e homossexualidade. Atores, atrizes, cantores e dançarinos atraíam multidões aos teatros e palcos. Eventos esportivos como que dopavam as massas, e a corrida pelas posses materiais era frenética. Apesar disso, a pregação do evangelho prosperou, graças à ação do Espírito Santo através do elemento humano. Agora, não será diferente, já que Deus escolheu não concluir Sua Obra sem nós.

A igreja cumpre sua missão quando o poder divino e o esforço humano se unem. Nossa tarefa é contar a “velha história” em formas de linguagem e pensamento capazes de comunicar relevância a um novo auditório. O que muda não é a história, mas o método e a abordagem de sua comunicação. É assim que podemos superar o desafio do mundo pós-moderno.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 77 – Número 06 – Novembro/Dezembro 2006
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos S. Santos
Capa: Fotos de Dynamic Graphics, Keith Beard, Anka Draganski, Lars Jansen, Mario M. Trejo e Aaron Murphy

Colaboradores Especiais:
Alejandro Bullón; Ranieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Acilio Alves Filho; Barito Lazo;
Cícero F. Gama; Francisco C. Bussons;
Guillermo Rojas; Ivanaudo B. Oliveira;
José Carlos Sánchez; Graciliano M. Filho;
Moisés Rivero; Roberto Gullón;
Valdilho Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: sac@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970
Brasília, DF

Tragem: 5.600 exemplares
5972/16278

Assinatura: R\$ 44,00
Exemplar Avulso: R\$ 9,20
Norte – Assinatura: R\$ 49,80
Exemplar: R\$ 10,38



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos *Adventistas do Sétimo Dia*
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

11 AS FONTES DO APOCALIPSE

Ecos da criação e do dilúvio na primeira mensagem angélica.

14 MARCAS DE UM SACERDOTE FIEL

O perfil do pastor no livro de Malaquias.

17 UM MUNDO DE OPORTUNIDADES

Como fazer do pós-modernismo uma porta para o evangelismo.

21 NEM MEDO NEM COERÇÃO

Uma alternativa bíblica que faz a diferença em sua liderança.

24 CÓDIGO DESVENDADO

Teólogo desmascara o best seller de Dan Brown, *O Código Da Vinci*.

27 LIVRE PARA CRESCER

Dez chaves que colocam a igreja na rota, do crescimento.

30 LIÇÕES DA ROCHA FERIDA

Aprendendo com a experiência de Moisés, em Meribá.



“Cada pessoa é merecedora da dignidade nascida do amor cristão, e todo líder que escolhe sacrificar a dignidade de outro, por qualquer razão alegada, necessita aprender dAquele que lidera através do amor.”

Stanley E. Petterson

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

9 PONTO DE VISTA

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

OS MARCADORES DE TEMPO

Com base em sua pesquisa, pastor afirma que a tentação de prever a data da volta de Cristo ainda seduz os crentes

por Marcos De Benedicto

No calendário da vida do Pastor Alceu Nunes, 2006 entrou para sua história por ter sido o ano em que concluiu o Doutorado em Teologia Pastoral, no Unasp. Sua tese doutoral, defendida recentemente, discute sobre a marcação de datas para a volta de Jesus e o fim do mundo.

O Pastor Nunes, 53 anos, nasceu em Joaçaba, SC. Foi criado e orientado segundo a fé católica romana, professada por seus pais. Quando garoto, chegou a ser sacristão, auxiliando os padres na celebração da missa. Porém, quando a família se mudou para Curitiba, no início de sua adolescência, sua religiosidade entrou em declínio.

“Após alguns anos de angústia existencial, aos vinte anos, finalmente encontrei na mensagem essencialmente bíblica ensinada pela Igreja Adventista o conforto que eu tanto necessitava e buscava”, relembra. Após ter sido batizado, em setembro de 1975, decidiu estudar teologia no IAE, em São Paulo. Casou-se em 1982 com Regina Mary, e tiveram duas filhas: Cristiana e Carolina.

Seu primeiro campo de trabalho foi a União Norte-Brasileira, onde atuou como pastor em Belém, PA, e Rio Branco, AC. Após seis anos trabalhando no norte do Brasil, retornou à União Sul-Brasileira e pastoreou várias igrejas nos Estados do Paraná e

Santa Catarina. Atualmente, lidera o distrito central de Blumenau.

Nesta entrevista, ele fala sobre a tentação de marcar datas para o fim do mundo e a relevância de sua pesquisa para a igreja.

Ministério: *Como surgiu a idéia de escrever uma tese sobre o assunto da marcação de datas?*

Alceu Nunes: Assim que comecei a frequentar a Igreja Adventista, meus pais me advertiram para não me tornar um fanático, falando o tempo todo sobre o fim do mundo. Eles devem ter conhecido algum evangélico com uma atitude desequilibrada sobre isso. O conselho foi útil, pois prestei atenção na maneira como os irmãos lidavam com o assunto. Em meados da década de 70, alguns membros da igreja que eu frequentava, no ardor do seu entusiasmo, arriscavam-se a preconizar: “O mundo não chegará ao ano 2000 sem a intervenção divina.” A partir daí, o tema despertou minha atenção. É óbvio que, naquela época, eu nem imaginava que, trinta anos depois, estaria concluindo uma tese nessa área. Mas uma semente fora lançada em meus pensamentos.

Ministério: *Em termos históricos, quando começaram as especulações sobre o fim do mundo?*



Alceu Nunes: De acordo com alguns historiadores, dentre eles Otto Friedrich, a idéia de fim do mundo remonta aos primórdios da humanidade, ao medo de que o Sol não voltasse a brilhar no fim do inverno e de que não ressurgisse após a noite. A idéia da morte suscitava uma atitude de temor de que algo catastrófico se abateria sobre o ser humano a qualquer instante. A partir desse medo, as especulações encontraram terreno propício para se desenvolver. As catástrofes bíblicas, como o dilúvio, sempre mantiveram o ser humano em atitude de suspense e com o senso de que nada é para sempre. A concepção da finitude humana tem sido, ao longo de milênios, um convite à especulação sobre quando se dará o momento derradeiro da História.

Ministério: *No judaísmo, havia uma preocupação apocalíptica/milenarista acentuada?*

Alceu Nunes: Com base no código judaico de interpretação, havia uma crença popular em um período de seis mil anos para a duração da Terra, incluindo a chegada do Messias no quinto milênio – uma espécie de protótipo da expectativa cristã milenar por vir. Interpretações judaicas das profecias de Daniel continuaram ao longo da era cristã desde Johanan ben Zakkai, no primeiro século, até Manasseh ben Is-

rael, no século 17. A comunidade de Qumran (c. 150 a.C.), conforme atestam os rolos do Mar Morto, desenvolveu crenças apocalípticas peculiares. As idéias apocalípticas colocavam a teologia da seita em um contexto cósmico. A pretensão de possuir revelação divina sustentava essa teologia com uma certeza sobrenatural. As interpretações da comunidade sobre a Lei tornaram-se o critério para o juízo final, que traria bem-aventurança ou perdição eterna. O senso de iminência motivava um estilo de vida peculiar, em que os membros do grupo se isolavam da sociedade, a fim de não se contaminarem com as tentações do mundo.

Ministério: *O fenômeno de marcação de datas para o fim do mundo aparece em todas as fases da história do cristianismo?*

Alceu Nunes: Desde o início da era cristã, a preocupação com o fim do mundo tem sido uma característica marcante entre os seguidores de Jesus. Os próprios discípulos indagaram: “Quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século?” (Mat. 24:3). Em outra ocasião, voltaram a perguntar: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (Atos 1:6). Paulo também enfrentou problemas, pois os cristãos de Tessalônica passaram a apregoar que o tempo chegara e muitos deles até pararam de trabalhar. Ele teve de adverti-los de modo incisivo. Em cada período da História, marcadores de tempo têm-se valido de interpretações da profecia bíblica para fazer cálculos peculiares e criativos.

Ministério: *No cristianismo medieval da Europa, que nomes sobressaem no fervor apocalíptico?*

Alceu Nunes: Após Agostinho (354-430 d.C.), houve um arrefecimento no entusiasmo apocalíptico. Isso ocorreu depois do início do período medieval, em 476 d.C. Essa redução na expectativa escatológica perdeu por quase 500 anos. Esse período tem sido identificado pelos teólogos como a fase da “desescatologização do cristianismo”. Segundo Agostinho, na celebrada obra Cidade de Deus, a igreja era o reino de Cristo na Terra. Porém, nem todos os escritores desse período encontravam-se satisfeitos com a apatia e indiferença com relação ao fim do mundo. Norskov Olsen relata que, “ignorando as Escrituras e a tradição da ortodoxia medieval, autoproclamados profetas estabeleceram

datas específicas para o aparecimento do anticristo e para a chegada dos acontecimentos finais”. O monge Glaber Radulfus (990-1033) foi o mais conhecido apologista da idéia do fim do mundo quando o primeiro milênio da era cristã se completasse. Ele considerava o ano 1000, a partir do nascimento de Cristo, extremamente significativo e via sinais, em sua própria experiência, de que Satanás fora libertado ao fim do milênio. Mas, como o mundo não terminou no milésimo ano depois da natividade, passou a focalizar a sua atenção no ano depois da paixão. Mil anos após a cruz e a ressurreição se completariam no ano 1033, argumentava ele. Joachim de Floris (c. 1130-1202) e Arnold de Villanova (1235-1313) também se destacam pelos seus estudos e interpretações proféticas, delineando a consumação dos séculos para os anos 1260 e 1378, respectivamente.

*Devemos entender
que o centro da nossa
esperança é Cristo
e não o tempo de
Sua vinda*

Ministério: *Martinho Lutero viveu num clima de fervor apocalíptico. Ele chegou a marcar data para a volta de Jesus e o fim do mundo?*

Alceu Nunes: Em uma reunião de estudos a respeito do sermão profético de Jesus em Mateus 24, Lutero chegou a ser confuso e até especulativo. Ele sugeriu que, em vista de a maioria dos sinais indicados por Jesus ter-se cumprido, não havia muito mais o que esperar. Declarou que alguns presentes estariam provavelmente entre os vivos, embora não pudessem saber com precisão o dia da redenção final. Em 1541, ele declarou que haviam transcorrido 126 anos entre a morte de Adão e o nascimento de Noé, e que o mesmo número de anos tinha transcorrido desde a morte de João Huss. Lutero fez um paralelismo entre o tempo de Noé e o seu próprio tempo, sendo ele um tipo de Noé nos seus dias. Portanto, o “juízo divino” estava prestes a ocorrer. Lutero chegou a pensar

que o retorno de Cristo ocorreria antes mesmo que tivesse concluído a tradução da Bíblia para o alemão.

Ministério: *Em relação a outros movimentos, o milerismo do século 19 teria uma base mais sólida para fixar a data do retorno de Jesus em 1844?*

Alceu Nunes: O milerismo foi um movimento peculiar dentre outros emergentes no século 19. A análise da profecia com uma hermenêutica desprovida de alegoria permitiu que se chegasse a conclusões coerentes e convincentes. A base era sólida, pois ligava a profecia bíblica à cronologia e à História. Apesar do desapontamento de 1844, o movimento sobreviveu. Os remanescentes de 22 de outubro entenderam, através de Apocalipse 10, que precisavam ter passado por aquela experiência. O “livrinho doce na boca” e “amargo no ventre” representava a alegria que tiveram na expectativa do aparecimento de Cristo e a amarga tristeza pela esperança não concretizada.

Ministério: *No Brasil, tivemos a figura interessante de Antônio Conselheiro. Como o senhor o analisa?*

Alceu Nunes: Antônio Conselheiro tornou-se uma figura mítica e folclórica do sertão baiano. A educação rígida que recebeu e a experiência traumática do seu casamento desfeito contribuíram para que se forjasse uma personalidade incomum. Em 1893, quando o governo central autorizou os municípios a cobrar impostos no interior, os beatos, incentivados por ele, rebelaram-se contra a medida, arrancaram os editais e os queimaram em praça pública. Foram perseguidos por força policial e se fixaram numa fazenda de gado abandonada, às margens do rio Vaza Barris, onde fundaram Canudos, a segunda “cidade santa”. Viviam ali num comunismo primitivo: eram comuns a terra, os rebanhos e os produtos da terra. Chamavam seu líder de Bom Jesus Conselheiro e Santo Antônio Aparecido, e o tinham como milagreiro. Em Os Sertões, Euclides da Cunha apresenta as profecias de Conselheiro, dentre elas: “Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho: Eu tenho um rebanho que anda fora deste aprisco e é preciso que se reúnam porque há um só pastor e um só rebanho!” Os habitantes de Canudos lutaram até o fim. As profecias de Conselheiro certamente contribuíram para que seus

seguidores não temessem a morte nas batalhas, já que o fim do mundo era iminente para eles.

Ministério: *Que fatores levam uma pessoa a marcar datas para o fim do mundo?*

Alceu Nunes: Fenômenos astronômicos, crises econômicas e perseguições políticas, entre outros fatores, podem desencadear o impulso para marcar datas. Além disso, alguns marcam datas movidos pelo zelo missionário, com o propósito de mobilizar os crentes no cumprimento da missão. Outros têm o intuito de demonstrar mais espiritualidade e consagração, pois entendem ter atingido um conhecimento superior. E existem motivos menos nobres, pois alguns se prevalecem da fragilidade emocional das pessoas em seu temor do fim do mundo e extraem benefícios financeiros e até favores sexuais, como nos casos de Jim Jones e David Koresh.

Ministério: *Que perigos correm aqueles que se associam com figuras messiânicas?*

Alceu Nunes: O maior perigo é o de dar fim à própria existência, imaginando, dessa forma, atingir o céu prometido por esses líderes. Assim ocorreu no suicídio coletivo em Jonestown, no dia 18 de novembro de 1978, quando mais de 900 pessoas morreram ao ingerir uma mistura de suco de laranja com cianureto, sob o comando de Jim Jones. Foi o maior suicídio coletivo da História. Outro caso que chocou a opinião pública ocorreu em março de 1997, quando foram encontrados em uma casa luxuosa nos subúrbios de San Diego, Califórnia, 39 corpos de homens e mulheres que pertenciam à seita Heaven's Gate (Portal do Céu). Todos estavam vestidos de preto e cobertos por mantos purpúreos. Acreditavam que, após a morte, a sua essência imortal poderia reunir-se aos poderes superiores extraterrestres, e que uma nave espacial estava à espera deles atrás da cauda do cometa Hale-Bopp que, naqueles dias, passava próximo à Terra, para levá-los para a "casa". Tiraram a própria vida crendo numa mistura de milenarismo com ficção científica moderna.

Ministério: *Quando a profecia não se cumpre, quais são as conseqüências para os crentes e para a comunidade religiosa?*

Alceu Nunes: Além do preconceito e da desconfiança, o problema maior é que, quando o excitamento e a empol-

gação passam, as pessoas ficam em uma condição pior que a anterior. Confusão e cinismo são um preço pesado a ser pago por um curto período de excitação e reavivamento. A letargia que sucede ao desapontamento poderá desencadear uma atitude irreversível de apatia e até de total indiferença para com os assuntos espirituais. Os que se deixam levar pela marcação de datas trazem prejuízos para si e para seus familiares, pois acabam vendendo propriedades, abandonando empregos e desistindo de estudar. Além disso, há o prejuízo espiritual, pois, quando o previsto não acontece, alguns passam a não querer acreditar na Bíblia. Existe ainda o prejuízo para o testemunho cristão, pois torna-se mais difícil evangelizar quando a credibilidade da Palavra de Deus é questionada pelos incrédulos, devido ao não cumprimento das previsões.

Ministério: *Pode resultar algo bom, como o amadurecimento e a mudança de mentalidade, quando a profecia não se cumpre?*

Alceu Nunes: Isso aconteceu com o movimento milerita após o desapontamento de 22 de outubro de 1844. Essa experiência teve ao mesmo tempo um efeito negativo e outro positivo. Alberto Timm observa que, "negativamente, o efeito desestabilizador do desapontamento de outubro de 1844 danificou seriamente o sistema de crenças dos mileritas; positivamente, desafiou-os a encontrar uma convincente explicação para o fracasso". Ao pesquisarem a Bíblia, encontraram uma resposta satisfatória para sua decepção e também descobriram uma série de outros relevantes ensinamentos bíblicos passados por alto pelo cristianismo em geral. Portanto, apesar do desapontamento, nasceu um movimento mundial, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com um sistema de crenças firmado na Palavra de Deus.

Ministério: *A Igreja Adventista está devidamente vacinada contra a marcação de datas para a volta de Jesus?*

Alceu Nunes: Como corporação religiosa, sim. A crença fundamental 25 declara que "o tempo exato" da segunda vinda de Jesus "não foi revelado" e somos, portanto, "exortados a estar preparados em todo o tempo". Porém, os membros continuam vulneráveis a essa tendência. Ainda ocorre muita euforia em nossas congregações quan-


do surgem pregadores apresentando dados até então desconhecidos a respeito de um decreto dominical iminente, ou a marca da besta, ou até mesmo alegando que já se podem detectar sons melodiosos vindos do distante espaço sideral.

Ministério: *Qual é a contribuição da sua pesquisa para a igreja?*

Alceu Nunes: Serve como alerta, pois as marcações de tempo ao longo da história cristã demonstraram-se prejudiciais à fé e, em algumas circunstâncias, causaram tragédias. Modestamente, acredito que a pesquisa poderá ser útil no sentido de minimizar essa tendência de marcar tempo. Por outro lado, auxiliará a igreja em geral a entender que o centro da nossa esperança é Cristo e não o tempo da Sua vinda.

O equilíbrio deve ser mantido entre o anseio pelo reino dos Céus e a submissão ao cronograma divino

Ministério: *Como conciliar o senso de iminência e expectativa quanto à volta de Jesus com uma postura crítica em relação à marcação de datas?*

Alceu Nunes: Precisamos desenvolver uma atitude equilibrada. O senso de iminência – "Jesus em breve voltará" – precisa estar presente todos os dias em nossa mente, impulsionando-nos a um estilo de vida elevado. O senso de iminência é indispensável para que a esperança não seja arrefecida, produzindo apatia e mornidão espirituais. Em contraposição, o cristão sensato irá se precaver da desequilibrada atitude especulativa da marcação de datas, imaginando que esta seja a única forma de as pessoas deixarem a passividade, a indiferença e a inatividade na missão. O equilíbrio deve ser mantido entre o anseio pelo reino dos Céus e a submissão humilde ao cronograma divino, pois tudo acontecerá "na plenitude dos tempos" (Gálatas 4:4) e em conformidade com os sábios desígnios estabelecidos por Deus. 

O PODER DA INTERCESSÃO



Meibel Mello Guedes

Esposa de pastor
na Associação
Sul-Paranaense

“A oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do Céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da Onipotência” – Ellen White

Você crê realmente na oração? Porventura, a oração tem feito diferença em sua vida? Tem você a certeza de que, ao orar, está conversando com Deus? Tem certeza de que Ele lhe responde? Essas perguntas nos levam a refletir um pouco mais sobre a oração.

Em meio à vida agitada que temos, muitas vezes não oramos suficientemente. Oramos apenas pelas questões consideradas mais urgentes, e deixamos de reservar tempo adequado para nos aproximarmos de Deus, conhecê-Lo melhor e compartilhar com Ele os anseios mais profundos do nosso coração. Em nossas orações rápidas, deixamos de receber muitas bênçãos que estão reservadas para nós.

Todas as pessoas têm necessidades não supridas, diante das quais nos sentimos impotentes. Por isso mesmo, necessitamos colocar nossas expectativas nas mãos do Senhor, seguindo os passos do salmista que disse: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa; porque d’Ele vem a minha esperança.” Sal. 62:5. Precisamos nos habituar a expor diante do Senhor todas as nossas necessidades e descansar confiantes.

RESPOSTA MILAGROSA

Faz alguns anos, participei de um encontro da Afam da Associação Sul-Mato-Grossense. A programação estabelecia que haveria momentos de oração intercessória, da qual participaríamos com uma companheira de ministério. Ao me ajoelhar com uma colega e ouvir seu pedido de oração, confesso que me senti muito pequena para interceder em seu favor, diante de Deus. Comentei, então: “Sem dúvida, este pedido é muito especial e importante para você, não é verdade?” Ela respondeu, dizendo que durante muitos anos orava a respeito do problema, e tinha lançado mão de todos os recursos oferecidos pela Medicina. Ela queria ter o privilégio de ser mãe.

Depois de orarmos juntas e nos abraçarmos, prometi à minha colega que apresentaria seu pedido em todos os lugares por onde passasse. E assim foi. Em outros congressos e encontros, muitas pessoas oraram pelo mesmo pedido. Depois de um ano e meio, voltei ao Mato Grosso do Sul, a fim de participar de um congresso do Ministério da Mulher. Durante os momentos de testemunhos de bênçãos recebidas, percebi minha colega lá no palco, tendo nos braços a resposta da nossa oração: seu bebê. Foi um momento de muita emoção, alegria e gratidão a Deus.

Lembrei-me, então, da prece que fizemos juntas e, a partir daquele momento, comecei a orar expressando louvor e agradecimento a Deus, pela bênção recebida. De fato, a oração é uma fascinante experiência espiritual. Emociona-me lembrar que servimos ao Deus do impossível. Nada existe difícil para Ele, podemos orar e confiar.

HÁBITO DIÁRIO

Devemos fazer da oração intercessória um hábito em nossa vida, na certeza de que Deus responde às nossas preces. Responde ao pecador contrito, à criança, a todos nós. É bom lembrarmos que Ele age segundo Seu sábio e amoroso plano estabelecido para cada indivíduo, satisfazendo às expectativas mais extraordinárias e também aos mais simples anseios do nosso dia-a-dia. Nenhum fardo é tão pesado que Ele não possa nos ajudar a carregar, nenhuma dor está além de Seu poder para aliviar e curar. Precisamos aprender a colocar sobre Ele, não sobre pessoas ou coisas, todas as nossas expectativas.

Oremos em todos os momentos. Oremos por nossos familiares, amigos e vizinhos. Permitamos que o Espírito Santo nos torne intercessores com poder. ✠

EXPECTATIVAS DE UM PRESIDENTE



Reinder Bruinsma

Presidente da União
Holandesa

Sete princípios de liderança pastoral, que um administrador de União espera de seus pastores

Sou presidente de uma pequena União, fruto do desmembramento de duas Associações, poucas décadas atrás. Temos um modelo unificado de administração para as duas Associações, o que me permite interagir diretamente com os pastores, privilégio que outros presidentes de União não têm, e que me alegra muito.

Em geral, sou propenso a ser exigente mas, ao mesmo tempo, também tento ajudar a criar uma atmosfera na qual as pessoas experimentam ampla liberdade – nutrindo companheirismo caloroso, permitindo-lhes sentir-se encorajadas a desenvolver e perseguir suas próprias iniciativas. Porém, tenho expectativas definidas que, acredito, são razoáveis. De fato, estou convencido de que elas formam uma plataforma para cooperação altamente efetiva e coleguismo entre nossos pastores.

Os sete princípios seguintes são de suprema importância para mim. Embora os pastores do meu Campo já os conheçam, acredito que também podem ser úteis para outros companheiros de ministério.

LIDERANÇA

Não raro, falamos de líderes de igreja e de pastores locais como se fossem duas classes de obreiros totalmente separadas. Na verdade, as pessoas que atuam numa Associação ou União têm uma designação específica de liderança. Mas, os pastores distritais são líderes em seu contexto. Espero que os pastores assumam esse papel em suas congregações. Eles devem liderar pelo exemplo, planejando e partilhando uma visão com os membros.

Hoje, dificilmente alguém pode falar de liderança sem defini-la como serviço. Concordo sinceramente com isso, não porque seja uma referência politicamente correta, mas porque qualquer envolvimento no trabalho do Senhor deve ser inspirado pelo exemplo do grande Servo de todos. Porém, ao mesmo tempo, creio que não

milita contra essa idéia o fato de que um líder deva ter certo grau de ambição. Líderes de sucesso devem querer ser líderes e alegrar-se com isso. Ao contrário, logo deixarão de inspirar o povo sobre quem foram chamados a liderar.

CRESCIMENTO PESSOAL

Dois indivíduos candidataram-se a um emprego. Quando um deles, com vinte anos de experiência, queixou-se de que o outro, com apenas três anos, foi escolhido, o empregador lhe disse: “Você não tem vinte anos de experiência, mas um ano multiplicado vinte vezes.” Infelizmente, isso também é verdade a respeito de muitos pastores. Podem contabilizar considerável número de anos de trabalho, mas isso nem sempre significa que amadureceram e se tornaram experientes.



Eu espero que os pastores cresçam pessoal e espiritualmente. Tal crescimento não é automático. Os pastores devem alimentar sua alma, devem ser capazes de avaliar-se regularmente, e determinar onde precisam melhorar e crescer. Também espero que eles cresçam profissionalmente. Essa expectativa pressupõe que sejam estimulados a buscar e aproveitar oportunidades para crescimento profissional e que a organização empregadora proveja oportunidades para aprendizado.

“O líder precisa ter certo grau de ambição. Caso contrário, não inspirará o povo.”

AGENTE DE MUDANÇAS

Uma igreja que não acompanhar as mudanças do tempo nem da cultura na qual deve testemunhar logo se transformará num museu, visitado ocasionalmente por pessoas com algum interesse histórico ou nostálgico. A igreja deve falar às pessoas do século 21. Ela deve permanecer leal à mensagem que proclama, porém, deve perseguir constantemente melhores e mais persuasivos meios de apresentar sua mensagem num contexto progressivamente secular e pós-moderno. Nenhuma congregação poderá cumprir sua missão, deixando de cativar a geração jovem, ou não atualizando continuamente seus esforços no sentido de prover um lar espiritual para as pessoas a quem busca ministrar. Para muitos, não é fácil mudar, e mesmo a mais leve modificação é vista como ameaça.

Os pastores devem ser agentes de mudança por excelência. Devem estar comprometidos a mudar, mas, também, saber como e quando fazê-lo. Nossa União tem adotado uma estratégia de crescimento numérico e espiritual a longo prazo. A base é treinamento e integração de todos os membros. Eu espero que os pastores tenham em mente essa estratégia global, enquanto lideram suas congregações na busca de maior relevância para os membros e, particularmente, para aqueles que estão à margem ou que estão em busca de satisfação espiritual.

LEALDADE

Relacionar lealdade ao pastor parece obviedade. Porém, é algo tão importante que deve ser destacado. A lealdade da qual estou falando não é uma obediência cega ou ingênua subserviência. Sempre deve haver espaço para diálogo, diferenças de opinião, e até certo grau de independência. Entretanto, a igreja perde sua credibilidade quando líderes seguem suas agendas particulares, independentemente do coletivo.

Os pastores devem ser leais à responsabilidade que receberam e aceitaram em sua ordenação. Devem ser leais ao ensino bíblico, segundo a compreensão da igreja a que servem. Às vezes, podem até questionar, discordar e criticar

aqueles que estão em função de liderança, mas, acima de tudo, devem ser absolutamente leais à organização que os chamou, capacitou e paga seu salário. Espero essa lealdade básica dos pastores; lealdade não apenas à instituição, mas também aos colegas e líderes do Campo.

AUTENTICIDADE

Pastores que não desfrutarem seu trabalho nem a vida, dificilmente continuarão ministrando. Entendo que as pessoas diferem umas das outras, e nem todos possuímos o mesmo senso de humor ou tratamos de modo idêntico as emoções e comosões da vida. Alguns relativizam as coisas mais facilmente, outros nem tanto. Porém, todos nós devemos agir com transparência e integridade. As pessoas ao nosso redor devem ser capazes de nos entender. A irmandade já não espera que sejamos perfeitos, e não deveríamos temer revelar de vez em quando nossa vulnerabilidade. É assim que seremos vistos como seres humanos dignos de crédito.

Espero que os pastores sejam o que são, sem máscaras, abertos, e não necessitem fingir ser alguém diferente daquilo que realmente são.

EQUILÍBRIO


Diversidade é uma realidade entre nós. Nem todos estamos de acordo em todas as coisas. Às vezes, seguimos direções diferentes em vários assuntos. Mas, pastores que não se sentem à vontade com a visão adventista da fé cristã têm um problema que não pode ser desconsiderado. Somos pastores e líderes de todos os membros e devemos cuidar para não impor a aceitação de pontos de vista particulares. O pastor não precisa ocultar sua opinião nem silenciar-se a respeito do que crê, mas precisa levar em conta e respeitar a visão dos demais.

Espero equilíbrio no modo como o pastor trata essas diferenças e em sua atitude para com a vida e o trabalho. Espero que ele trabalhe mais de 40 horas por semana, mas não deve se sentir culpado por tomar tempo para estudar, recrear-se ou estar com a família. Seria bom reduzirmos o número de viciados em trabalho que há entre nós.

FÉ

Não sou muito impressionado por pessoas que se mostram tão piedosas e acham que devem revelar isso em cada frase que falam. De todo modo, nossa profunda motivação deve ser visível, e as pessoas precisam ver que o pastor é um homem de fé.

Entretanto, a dúvida é parte da vida de fé, e eu reconheço que muitos pastores lutam com periódicos, ou mesmo regulares, ataques de incerteza. Isso é aceitável, na medida em que tratem o problema de modo responsável. Entendo que o pastor deve ser capaz de falar sobre suas dúvidas, sem medo de perder o trabalho. Porém, deve saber quando, em que circunstâncias, como e com quem falar. Abrir-se com pessoas que não são capazes de entendê-lo, apenas servirá para confundi-las. Eu espero que o pastor viva sua fé cristã adventista de tal modo que atraia outras pessoas, e faça o seu rebanho sentir que ele é um líder espiritual confiável, para levá-lo a elevados níveis da experiência cristã.

Na verdade, ainda espero outras coisas dos pastores: habilidade administrativa, pregação decente, e muito mais. Estou exigindo muito? Acho que não, até porque eles também podem esperar tudo isso de mim. 

AS FONTES DO APOCALIPSE



John T. Baldwin

Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Implicações da criação e do Dilúvio na primeira mensagem angélica

Recente pesquisa feita pelo Dr. Jon Paulien, professor de Novo Testamento na Universidade Andrews, mostra que os termos da última parte de Apocalipse 14:7 – “adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” – alude à linguagem do quarto mandamento em Êxodo 20:11. A passagem de Apocalipse cumpre, em parte, essa alusão, ao enumerar na mesma ordem quatro termos idênticos que aparecem no texto de Êxodo. E Paulien oferece a seguinte conclusão, como certeza da mencionada referência: “A evidência cumulativa é tão forte que um intérprete poderia concluir que não há no Apocalipse alusão direta ao Antigo Testamento que seja mais certa que a referente ao quarto mandamento, em Apocalipse 14:7. Quando o autor desse livro descreve o apelo final de Deus à raça humana no contexto do engano do tempo do fim, ele faz isso em termos de um chamado para adorar o Criador no contexto do quarto mandamento.”

A fim de estar em plena consonância com o fraseado cosmológico de Êxodo 20:11, a referência do Apocalipse endossa o conceito de criação efetuada em seis dias literais, ao identificar o Criador como “Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas”. O mensageiro do Senhor poderia ter convidado apenas a “adorar o Criador”, mas isso não daria nenhum sinal sobre o método da criação. A necessidade crítica no tempo do fim para a alusão apocalíptica sugere que o método da criação em seis dias literais seja abordado. E vai ainda mais além da referência à semana da criação.

O DILÚVIO

A alusão de Apocalipse 14:7 a Êxodo 20:11 termina com a frase “fontes das águas”. A chave hermenêutica que pode revelar a importância dessa frase parece ser sua colocação no contexto do juízo: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez ... e as fontes das águas.” A ligação entre a frase “fonte das águas” e o juízo precisa ser mantida na mente do leitor através deste artigo.

A singularidade dessa frase ajuda a levantar a questão que leva a uma compreensão mais profunda do seu significado. Em virtude de que a passagem apocalíptica começa e continua com um exato paralelismo verbal à linguagem de Êxodo 20:11, poderíamos dizer que termina com a inesperada e surpreendente frase “fonte das águas”, não encontrada em sua correspondente do Antigo Testamento. Uma questão fundamental que parece confrontar o intérprete é a seguinte: Se Apocalipse 14:7 é uma alusão clara à passagem de Êxodo, por que o mensageiro angélico não a completou usando a frase “e tudo o que neles há”, encontrada em Êxodo? Por que interrompeu seu paralelismo inserindo outra expressão?

A importância da sentença “fontes das águas” é ainda mais realçada pelas referências bíblicas nas quais indivíduos mencionam, de alguma forma, as palavras de Êxodo 20:11. Por exemplo, ao descrever a grandeza de Deus, Davi utilizou a mesma expressão do quarto mandamento: “que fez os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há.”

Sal. 146:6. Crentes do Novo Testamento também agradeceram e louvaram a bondade de Deus com a mesma linguagem (Atos 4:24). Recusando ser adorado por causa da cura de um paraplético em Listra, Paulo usou a mesma expressão (Atos 14:8 e 15).

Eruditos sugerem que a frase “as fontes das águas” aponta a realidade histórica do Dilúvio

Por que somente em Apocalipse a referência difere, na última frase, da menção de Êxodo? Haveria alguma coisa teologicamente importante sendo comunicada? Estaria Deus, através do mensageiro, assinalando alguma verdade relevante? Por que, nessa passagem, Deus escolheu mencionar especialmente “fontes das águas”, e não “e tudo o que neles há”? Análise comparativa de pesquisas feitas por muitos eruditos pode contribuir para uma resposta teológica e geologicamente significativa a essas questões.

David Aunes, por exemplo, indica que o termo “fontes” de Apocalipse 14:7 refere-se não a construções artificiais, mas a fontes de águas naturais fluindo do interior da Terra.² Essa qualificação apóia a idéia de que as “fontes das águas” foram criadas por Deus e não por seres humanos. Wilhelm Michaelis considera muitas explicações possíveis para a expressão “fontes das águas”. No fim, ele questiona se elas não se referem às “fontes do abismo” de Gênesis 7:11 e 8:2.³ Podemos acrescentar que, caso assim seja, isso poderia sugerir que a referência de Apocalipse traz implícita a menção do julgamento divino através do Dilúvio, segundo o relato de Gênesis.

Essa possibilidade é considerada ainda mais plausível, quando se percebe que a palavra grega traduzida em Apocalipse 14:7 como “fontes” – *p'gas* – é também usada na Versão Septuaginta (Antigo Testamento em grego). Além disso, o conceito de “fontes das águas” é universal e poderia incluir a idéia de “fontes do abismo”, que foram

criadas pela sabedoria divina (Prov. 8:27, 28 e 30) e foram abertas por ocasião do Dilúvio (Gên. 7:11). Aqui, o cenário de juízo de Apocalipse 14, relacionado às “fontes das águas”, começa a revelar sua importância.

Em sua tese doutoral, recentemente apresentada, Wai-Yee Ng argumenta que “o uso que João faz do simbolismo da água ... envolve implícita referência em vez de citação explícita”. Ela ainda acrescenta que “o Apocalipse está ... repleto de temas do Antigo Testamento, e os dois livros [Evangelho de João e Apocalipse] estão unidos na formulação de uma tipologia que remonta à Criação”.⁴ Essas conclusões convidam o leitor a buscar cuidadosamente um possível significado teológico na alusão de Apocalipse 14:7 às “fontes das águas”.

Com respeito ao específico simbolismo da água no Apocalipse, Wai-Yee Ng mostra que, nesse livro, existem três grupos de passagens sobre águas: “um grupo está relacionado a calamidades, outro refere-se às promessas de salvação feitas por Deus, e o último à consumação”.⁵ A Dra. Wai-Yee também indica que a referência que estamos considerando, Apocalipse 14:7, é uma passagem do grupo relacionado a calamidades.⁶

Considerando o contexto imediato de juízo divino anunciado pelo mensageiro angélico em Apocalipse 14, essa observação se torna apropriada e auxiliadora no que tange aos objetivos deste artigo. Este autor sugere que, compreendida no contexto de calamidade, a referência a “fontes das águas” imediatamente junto à menção do juízo divino pode ser tencionada a evocar ou implicar um antigo evento de juízo divino, o Dilúvio bíblico, quando as fontes do abismo foram abertas. Se é assim, o uso de “fontes das águas” nessa passagem ajuda a fortalecer a idéia de julgamento anunciado pelo anjo, lembrando que o Senhor, na verdade, é um Deus de justiça, e os ouvintes ou destinatários da mensagem, portanto, devem recebê-la com a máxima seriedade.

Não faz muito tempo, o teólogo Oleg Zhigankov explorou o possível significado de “fontes das águas” em Apocalipse 14:7. Entre outras oportunas sugestões, ele observou que “o uso da frase ‘fontes das águas’ carrega a idéia de uma criação literal e de um juízo vindouro... O fato do inevitável julgamento é confirmado pela referên-

cia a outro evento histórico global – o Dilúvio”.⁷ Aqui, Zhigankov indica que a frase que estamos considerando é empregada para lembrar o Dilúvio relatado no Gênesis como evidência confirmatória da realidade do julgamento anunciado pelo primeiro anjo de Apocalipse 14.

Henry Morris, cientista e pesquisador da Bíblia, também opina no sentido de que o anjo usa as palavras “fontes das águas”... por causa de sua associação com o antigo juízo da grande inundação, quando ‘todas as fontes do grande abismo ... se abriram’. Gên. 7:11. “O clamor do anjo”, diz Morris, “relembra aos homens que Deus criou todas as coisas e as destruiu no passado, por causa dos pecados cometidos. Assim, Ele ainda tem tudo sob Seu controle, e outro grande julgamento divino é iminente”.⁸ De todos os comentaristas pesquisados, Morris é quem desenvolve mais explícita e amplamente as ligações entre a frase “fontes das águas” e o Dilúvio.

Também refletindo sobre a frase em apreço, conforme usada na primeira mensagem angélica, David Fouts, professor de Antigo Testamento do Bryan College, em resposta a uma consulta pessoal feita por este autor, observa que a interpretação das palavras do anjo como remontando ao Dilúvio é uma posição “certamente sustentável no contexto do Juízo em Apocalipse 14”. Posteriormente, ele questiona se é possível estabelecer-se um paralelo entre as palavras utilizadas pelo anjo, conforme analisadas por Morris, e “as palavras do nosso Senhor Jesus em Mateus 24:36-39, segundo as quais os juízos do tempo do fim são conectados aos do tempo de Noé e do Dilúvio”.

Mais recentemente, em sua tese intitulada *Theology of Judgment in Genesis 6-9* [Teologia do Juízo em Gênesis 6-9], Chun Sik Park analisa, entre outras coisas, muitas passagens bíblicas, incluindo Apocalipse 14:7, que, segundo ele, tratam do tema do julgamento em relação com o Dilúvio. Ele chega à seguinte conclusão, a respeito da passagem de Apocalipse: “Apocalipse 14:7 possui uma ligação terminológica com a narrativa do Dilúvio encontrada em Gênesis (‘fontes do abismo’ e ‘as fontes das águas’).”⁹ Com muito critério, Park esclarece tal ligação, focalizando duas dimensões do poder criador de Deus: “Embora ‘tudo o que neles há’ (Êxo. 20:11) reflita o

poder criador global de Deus manifesto na criação, a frase correspondente 'as fontes das águas' (Apoc. 14:7) reflete o poder destruidor global de Deus, revelado no Dilúvio."¹⁰

A combinação das informações obtidas desses eruditos sugere que a frase "as fontes das águas" aponta para o Dilúvio de Deus, endossando desse modo sua realidade histórica, sublinhando também a verdade de que o Senhor é um Deus ao mesmo tempo justo e misericordioso. Ele é paciente, "não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento". II Ped. 3:9. Tudo isso deve nos levar a considerar seriamente a realidade histórica do Juízo de Deus, conforme anunciado pelo anjo apocalíptico.

APLICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Das conclusões a que chegamos até aqui, fluem importantes implicações geológicas, teológicas e espirituais. Na ciência pós-moderna, e mesmo nos círculos evangélicos, o método evolucionista de origem das espécies, através de longas eras, e a inflexível negação de um Dilúvio global (junto com suas evidentes e fatais conseqüências teológicas e espirituais) permanecem operando como pressuposições centrais. Isso significa que os indivíduos que vivem no tempo do fim necessitam saber a verdade a respeito do método criacionista das origens e que o Dilúvio foi parte da real história terrestre. Que o Senhor ressuscitado tenha utilizado em Sua última mensagem à humanidade uma linguagem que endossa o conceito da criação realizada em seis dias literais e nos leva de volta ao Dilúvio, é uma oportuna resposta divina à teo-

ria macroevolucionista e sua rejeição da realidade do Dilúvio. Além disso, salvaguarda as verdades centrais da Bíblia.

O conceito de criação realizada em seis dias literais é fundamental, para evocar a verdadeira adoração, porque uma criação histórica, breve e recente preserva a divindade de um Deus que, junto com isso, não criou usando morte, sofrimento, doença e predação, em um estilo cruel, demoníaco mesmo, durante milhões de anos antes do pecado humano. Assim, Deus é mostrado como sendo profundamente digno de adoração. Adicionalmente, a criação realizada em seis dias literais faz do sábado um poderoso monumento a uma obra criadora terminada, em vez de um mundo em processo de formação.

O Dilúvio global surge como complemento necessário ao método bíblico de criação. A catástrofe aquática pode responder pela formação de grandes porções de colunas geológicas posteriores à entrada do pecado e morte, indicando que as colunas geológicas fossilíferas não requereram milhões de anos para seu desenvolvimento. Isso significa que a possibilidade de criação realizada em seis dias é preservada pelos resultados básicos do Dilúvio. Além disso, o Dilúvio salvaguarda outros ensinamentos bíblicos fundamentais, como a autoridade das Escrituras e, acima de tudo, a validade de uma expiação baseada na verdade de que, na história da Terra, a morte não precede o pecado, mas é seu salário.

No tempo do fim, todos nós necessitamos conhecer a verdade sobre estas duas histórias-chaves: a criação em seis dias e o Dilúvio. Isso porque, conforme o modo como essas questões forem abordadas, poderemos estabelecer ou mi-

nar a fé em Deus. A afirmação feita por Jesus Cristo sobre os conceitos da criação em seis dias e do Dilúvio, na mensagem do primeiro anjo em Apocalipse 14, está, na verdade, glorificando a sabedoria, a presciência, a fidelidade, o amor, a bondade e o poder de Deus. Dessa perspectiva, a passagem pode ser compreendida como o solene chamado de Deus para que todos aceitem essas verdades. Assim, a significativa referência que Ele faz de Êxodo 20:11 em Apocalipse 14:7 pode motivar o amoroso e agradecido louvor ao Criador.

Nesta época, à qual todos os profetas do passado olharam com esperança, não podemos fazer menos que estudar, orar e buscar juntos compreender as mensagens que Deus nos tem transmitido, a fim de nos capacitar a enfrentar os desafios do tempo do fim. **M**

Referências:

- ¹ Jon Paulien, *Journal of the Adventist Theological Society* 9, 1998, págs. 179 a 186.
- ² David Edward Aune, *Word Biblical Commentary*, vol. 52B (Waco, TX: Word, 1998), págs. 828 e 829.
- ³ Wilhelm Michaelis, *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 6 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1954-1967), págs. 112 a 117.
- ⁴ Wai-Yee Ng, *Water Symbolism in John: An Eschatological Interpretation* (Nova York: Peter Lang, 2001), pág. 194.
- ⁵ *Ibidem*.
- ⁶ *Ibidem*.
- ⁷ Oleg Zhigankov, *Significance of the "Fountains of Waters" in Revelation 14:7* (Manuscrito não publicado: Andrews University, 2004), pág. 31.
- ⁸ Henry M. Morris, *The Revelation Records* (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1983), pág. 266.
- ⁹ Chun Sik Park, *Theology of Judgment in Genesis 6-9* (Andrews University, 2005).
- ¹⁰ *Ibidem*, págs. 368 e 347.



MARCAS DE UM SACERDOTE FIEL



Emílson dos Reis

Professor no Seminário de Teologia do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

No livro de Malaquias, o ideal de Deus para os pastores de ontem e de hoje

Por quase 1500 anos, Deus Se comunicou com Israel por meio do dom de profecia. Empregou dezenas de profetas através dos quais aconselhou, orientou, repreendeu e corrigiu. Fé e obediência foram apenas episódios passageiros na vida dos israelitas, que se afastavam dEle, vez após vez. Por volta de 425 a.C., Deus lhes enviou Malaquias, Seu último mensageiro dos tempos do Antigo Testamento, por intermédio de quem Ele fez Seu último convite, ofereceu a última oportunidade para retornarem ao Senhor. Depois de Malaquias, por mais de 400 anos, a voz profética silenciou. Que disse o Senhor por meio desse mensageiro?

Seu livro possui apenas quatro capítulos, mas se constitui um “apelo poderoso, apaixonado, suplicante – um apelo ao arrependimento do pecado e à volta a Deus – acompanhado de rica promessa, se o povo atender, e de severa advertência, se recusar”.¹ Malaquias significa “Meu mensageiro”. O pensamento-chave deste último livro do Antigo Testamento é: “...eis que Ele vem, diz o Senhor dos Exércitos. Mas quem poderá suportar o dia da Sua vinda?” Mal. 3:1 e 2. “Eis que Ele vem” é a preciosa promessa. Ela ocorre igualmente no último livro do Novo Testamento: “Eis que vem com as nuvens e todo olho O verá”. Apoc. 1:7. No último capítulo das Escrituras, o próprio Cristo declara: “Certamente cedo venho”; e o idoso João, representando a igreja de Deus de todos os tempos, diz: “Amém! Vem, Senhor Jesus!”. Apoc. 22:20. Portanto, Malaquias era um adventista; ele cria no advento de Cristo.

A primeira mensagem do livro é destinada aos sacerdotes. Ela inicia em 1:6 e se estende até 2:9. Ali ficamos sabendo que os líderes da igreja de então se achavam corrompidos: desprezavam o nome de Deus, oferecendo em sacrifício animais defeituosos, doentes e até roubados (1:7, 8, 13 e 14); violavam a aliança feita com o sacerdócio (2:8; ver Êxo. 32:25-29; Núm. 3:11-13; 25:11-13); desviavam-se dos caminhos de Deus (2:8); faziam acepção de pessoas (2:9); eram causa de tropeço para muitos (2:8); e consideravam seu trabalho algo rotineiro, enfadonho e cansativo porque não punham nele o coração (1:12 e 13). Em consequência, seu ministério era vão. Deus não tinha prazer neles nem aceitava o que faziam (1:10). Na verdade, declarou preferir que fechassem as portas do templo e desistissem de officiar em Sua presença (1:10).

Entretanto, em meio a essas reprovações e ameaças, encontramos uma seção que, com clareza, apresenta o ideal de Deus para o sacerdócio de então e de hoje: “Então, sabereis que Eu vos enviei este mandamento, para que a Minha aliança continue com Levi, diz o Senhor dos Exércitos. Minha aliança com ele foi de vida e de paz; ambas lhe dei Eu para que Me temesse; com efeito, ele Me temeu e tremeu por causa do Meu nome. A verdadeira instrução esteve na sua boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e da iniquidade apartou a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos.” Mal. 2:4-7. Nessas palavras, podemos encontrar quatro marcas de um sacerdote fiel.

TEME A DEUS

Ao longo do texto sagrado, o temor do Senhor é apresentado como algo positivo, benéfico e imprescindível para a formação do caráter. No Antigo Testamento, sempre há referências àqueles que temem a Deus. Nesses casos, a ênfase recai no respeito e reverência manifestados para com Deus. Esse temor nos levará a admirá-Lo por Sua grandeza, Seu caráter, pelo que Ele é e pelo que tem feito (Sal. 33:4-8), a reverenciá-Lo (Heb. 12:28) e a louvá-Lo (Sal. 22:23; 115:10, 11 e 13; 118:3 e 4).² O que equivale a adorá-Lo. Esta adoração deve ser “em espírito e em verdade” (João 4:23), o que significa que devemos nos aproximar de Deus com sinceridade, de todo o coração, e que nossa adoração deve estar fundamentada nos ensinamentos das Escrituras. Então, “nossa fome de Deus é satisfeita e aumentada. Na Sua presença, desejamos ‘toda a plenitude de Deus’ e queremos nos livrar do pecado, queremos que a igreja seja purificada e ansiamos pelo retorno de Cristo. Sentimos até saudade do Céu”.³

O temor do Senhor também nos impelirá a confiar nEle (Sal. 115:11) e a Ele nos submetemos em alegre obediência (Sal. 112:1), bem como a amá-Lo. Na Bíblia não há conflito entre temor do Senhor e amor a Deus. É até necessário que ambos sejam abrigados em nosso coração. Em Deuteronômio 6:5, encontramos o maior dos mandamentos que ordena: “amarás, pois, o Senhor, teu Deus” e, poucos versos depois, é dito: “O Senhor, teu Deus, temerás” (Deut. 6:13; ver Sal. 145:19 e 20; II Cor. 5:11 e 14). Esse temor foi, também, uma das marcas do verdadeiro Israel (Deut. 10:12 e 13), do prometido

Messias (Isa. 11:2 e 3) e da igreja primitiva (Atos 9:31), e deve caracterizar também o povo de Deus dos últimos dias que, ao anunciar o evangelho eterno a toda a Terra, deve clamar: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas.” Apoc. 14:7.⁴

ANDA COM DEUS

Outra marca do sacerdote fiel é seu andar com Deus, é viver cada instante como na presença do Senhor. Isso começa com o tempo dedicado à comunhão com Ele. É necessário começar o dia com Deus e, então, sair para o trabalho em Sua companhia. O próprio Jesus tinha Suas prioridades e “não deixou que as pessoas determinassem Sua agenda. A oração nas primeiras horas da manhã era mais importante do que o ministério”.⁵

O andar com Deus deve ser a sua prioridade e sua maior alegria. Não a pregação, o evangelismo, a visitação, o treinamento da igreja, a administração, o ensino ou qualquer outra atividade. Um dia, por causa da falta de saúde, ou de oportunidade, ou por causa da idade avançada, você não poderá fazer mais nenhuma dessas coisas. Mas, se você aprendeu a andar com Deus, Ele estará sempre ao seu lado e sua alegria não se extinguirá. Deus está com Seus servos em seus dias de vigor, mas, também, quando estão enfermos ou no ocaso da vida; quando são homenageados, destacados, e ocupam funções elevadas, mas também quando são esquecidos e negligenciados; quando nada lhes falta e quando até as coisas mais básicas são conseguidas com dificuldade. Nunca haverá

tempo, lugar ou circunstâncias em que Deus não estará ao seu lado.

O sacerdote deve andar com Deus em retidão, que é o oposto de iniquidade. Se você não fosse o pastor de sua igreja, mas apenas membro, como gostaria que fosse o seu pastor? O que pensaria dele, se ele tivesse a mesma honestidade, pureza e dedicação que você possui?

Cristo pediu ao Pai que não nos tirasse do mundo, mas que nos guardasse do mal. Com o correr do tempo, o mal cresceu e adquiriu múltiplas formas. Está cada vez mais difícil distinguir o certo do errado. O lobo está mais parecido com a ovelha. Ou é a ovelha que está mais parecida com o lobo? Há lugares em que até o pastor está mais parecido com o lobo. Parafrazeando uma declaração de John Wesley, ao comentar a falta de retidão na vida de determinado pregador, alguém disse: “Ele pregava tão bem no púlpito, que era uma pena que precisasse deixá-lo; mas fora do púlpito vivia tão vergonhosamente que era uma pena que precisasse voltar a ele.”⁶

É necessário também ter cuidado com um tipo de desonestidade que é a favor não do indivíduo que a pratica, mas da igreja. A igreja não precisa disso, pois não a edifica. Antes, a macula e enfraquece. Seja justo ao tratar dos negócios da igreja, justo ao pagar e ao cobrar. Deus tem no mundo pessoas que nunca mentem, nunca enganam, nunca são desonestas. Seja você uma delas.

Paz é outro fruto da comunhão com Deus. Apesar de seus muitos compromissos e atividades, Deus deseja que você tenha paz. Essa paz, ou *shalôm*, descreve o estado de plenitude e realização, que é resultado da presença de Deus⁷ e de uma vida de retidão (Isa. 3:7).⁸ O Senhor Jesus a possuía. Os fariseus não se mostravam entusiasmados com Seu ministério. Porém, no conflito com eles, Cristo possuía liberdade e convicção para dizer: “Aquele que Me enviou está comigo; Ele não Me deixou sozinho, porque Eu sempre faço o que Lhe agrada.” João 8:29. Às vésperas de Sua morte, o Mestre disse aos discípulos: “Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em Mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; Eu venci o mundo.” João 16:33.

Há várias atitudes que podem roubar a paz de um pastor, e uma das principais é a inveja dos companheiros. A inveja destrói a fé (João 5:44). “É fácil

desanimar no ministério quando nos comparamos com os outros. ... sabemos que superamos o espírito de comparação quando conseguimos nos alegrar com o sucesso dos mais talentosos do que nós. Quando estivermos contentes com nossa pequena parte na obra total de Deus na Terra, teremos um senso de satisfação e de realização.”⁹

Outro elemento nocivo à paz é a idéia de sucesso, baseada no padrão do mundo. A Bíblia nos ensina que Deus e Sua causa serão vencedores. Ensina também que todos os Seus servos terão sucesso nas batalhas espirituais, mas não em todas as tarefas individuais. Alguns dos grandes homens de Deus, como Isaías, Jeremias e João Batista, também fracassaram, se analisarmos apenas os resultados que colheram em vida. A grandeza de sua obra só foi reconhecida muito tempo depois. Deus não chamou você para ter sucesso. Ele o chamou para ser fiel.

Uma atitude que também atenta contra a paz de um pastor é a desconfiança em algum líder da Organização. Isso, às vezes, tem fundamento; às vezes, não. Algumas vezes, o que acontece é que não possuímos todas as informações pertinentes e necessárias para fazermos um julgamento correto, e ficamos imaginando coisas. Contudo, mesmo quando algum líder estiver agindo com motivos escusos ou usando métodos impróprios, lembre-se de que Deus ainda está no comando e é tão sábio e poderoso que é capaz de usar todas as coisas para o cumprimento de Sua vontade. Não permita que coisa alguma turbe o seu coração e atrapalhe seu ministério.

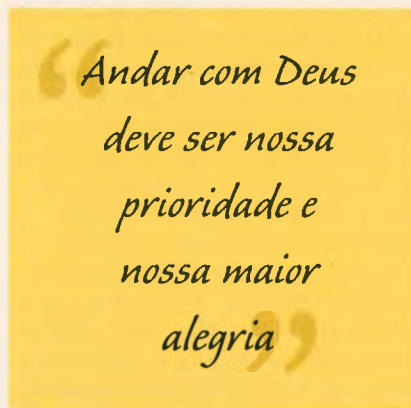
ANUNCIA A VERDADE

Um sacerdote é alguém que foi chamado para uma obra especial a serviço de Deus. Como um indivíduo pode saber, hoje, se Deus o está chamando para a obra pastoral? Há três indicativos seguros: Primeiramente, aquele que é chamado tem uma forte convicção interior dada pelo Espírito de Deus. Em segundo lugar, em sua vida, estão presentes as qualidades que a Bíblia apresenta como características de um pastor (I Tim. 3). E, finalmente, a igreja, por meio de pessoas dotadas de discernimento, confirmam esse chamado, avaliando, sobretudo, o seu caráter.¹⁰ Durante todo o seu ministério, você será amplamente fortalecido se tiver convicção do chamado, e se lembrar de que

está a serviço do Senhor dos Exércitos.

É fundamental que o sacerdote posua conhecimento intelectual da vontade, dos caminhos, da revelação de Deus. Isso advém da experiência pessoal com o Senhor, mas também do tempo dedicado ao estudo, especialmente das Sagradas Escrituras, e à meditação. Além disso, ele deve transmitir essa instrução ao povo, lembrando que há três pessoas envolvidas nessa atividade. A primeira é Deus. O instrutor fala de Deus e em nome de Deus. É necessário conhecê-Lo bem. A segunda pessoa é o ouvinte, com suas múltiplas necessidades. Precisamos identificar-nos com ele. Por último, há o instrutor, que deve aplicar a verdade à sua própria vida, antes de compartilhá-la.¹¹ Não é coerente dar uma mensagem esperando que ela funcione em outras vidas, se não funciona na nossa.

Porque o sacerdote é um mensageiro da verdade, em seus lábios não há qualquer falsidade. Como as palavras são reveladoras do caráter e, no íntimo, ele é verdadeiro, suas palavras também serão verdadeiras.



APARTA DA INIQUIDADE

Afastar pessoas do pecado é resultado do que é o sacerdote e do que ele faz. Porque teme a Deus, anda em Sua companhia e é mensageiro da verdade, muitos são afastados da iniquidade. Um tema muito enfatizado no pastorado adventista é o batismo. Este deve ser um rito marcante na vida do crente, mas, não terá significado algum se não for precedido pela experiência da conversão. O trabalho do pastor é mais que batizar. Não adianta batizar pessoas, se essas não foram apartadas da iniquidade. Deus odeia o pecado e quer separar-nos dele.

Davi explicou que “quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões” (Sal.

103:12). João escreveu: “Sabeis também que Ele Se manifestou para tirar os pecados, e nEle não existe pecado. Todo aquele que permanece nEle não vive pecando.” I João 3:5 e 6. E Paulo aconselhou: “Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza que é idolatria... despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos.” Col. 3:5, 8 e 9. Deus não apenas quer que evitemos o pecado, mas que também o odiemos em todas as suas formas.

Se a tarefa do Espírito Santo, do pastor e da pregação, por um lado, é confortar os perturbados, por outro lado, é perturbar aqueles que vivem confortavelmente no pecado, a fim de que vejam sua condição e aceitem a graça de Deus. Quando a pregação é fundamentada na Bíblia, os homens são apartados do pecado. Como disse Jesus, Sua Palavra é o instrumento que Ele usa para podar Seus filhos, a fim de que deem frutos abundantes (João 15:2 e 3). Isso acontece porque as Escrituras testificam de Cristo (João 5:39); testificam que Seu nome é Jesus “porque Ele salvará o Seu povo dos pecados deles” (Mat. 1:21); testificam que “Ele Se manifestou para tirar os pecados” (I João 3:5) e que “todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado” (I João 3:9).

Pastor, as marcas de um sacerdote fiel devem ser as suas marcas. Que você tema o nome do Senhor, ande com Ele, anuncie a verdade e tenha um ministério frutífero, afastando muitos do pecado e aproximando-os do Pai celestial. ☉

Referências:

- 1 J. Sidlow Baxter, *Examinai as Escrituras: Ezequiel a Malaquias*, 6 vols. (São Paulo: Vida Nova, 1995), vol. 4, pág. 97.
- 2 Emilson dos Reis, *Parousia*, ano 3, n° 1, pág. 65.
- 3 Erwin Lutzer, *De Pastor Para Pastor: Respostas Concretas Para os Problemas e Desafios do Ministério* (São Paulo, Vida, 2000), pág. 101.
- 4 Emilson dos Reis, *Op. Cit.*, págs. 65 e 66.
- 5 Erwin Lutzer, *Op. Cit.*, pág. 131.
- 6 D. E. Mansell e V. W. Mansell, *Meditações Matinais* (Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 1998), pág. 177.
- 7 G. Lloyd Carr, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1998), pág. 1573.
- 8 *Ibidem*.
- 9 Erwin Lutzer, *Op. Cit.*, págs. 133 e 134.
- 10 *Ibidem*, págs. 14-16.
- 11 *Ibidem*, págs. 43-45.

UM MUNDO DE OPORTUNIDADES



Jon Paulien

Diretor do Departamento de Novo Testamento do Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Como a igreja pode responder às desafiadoras transformações dos novos tempos

Durante um encontro de pastores no Sul da Inglaterra, discutíamos as dificuldades da pregação do evangelho e do crescimento da igreja entre os nativos ingleses, embora considerável percentual de imigrantes tenha abraçado a fé nos últimos anos. Um pastor local pediu a palavra e observou: “Há alguma coisa que não estou entendendo. Quando a mensagem adventista penetrou na Inglaterra, por volta do fim do século 19, nós alcançamos o inglês nato. Do contrário, quase não teríamos seus descendentes na igreja hoje. O que mudou de então para cá?”

A pergunta ligou subitamente algumas coisas em minha mente. Lembrei-me dos estudos e pesquisas que eu acabara de fazer sobre as mudanças filosóficas que têm afetado o pensamento ocidental. Essas mudanças têm dado lugar ao que chamamos de pós-modernismo, e, diante da inquietação levantada, percebi que elas fazem sentido com a preocupação sobre a falta de resposta ao evangelho, por parte de muitos grupos populacionais, não apenas da Inglaterra, mas de todo o mundo ocidental.

Há muitos países e culturas nos quais os conceitos de verdade e realidade têm experimentado tremendas mudanças. Mas não precisamos nos assustar. Com paciência, compreensão e sabedoria espiritual, podemos ver Deus atrás dessas mudanças, procurando abrir novos caminhos para o testemunho e a pregação. O propósito deste artigo é prover uma breve história do pensamento religioso, discutir os principais contornos do pós-modernismo e como podemos modelar nossa resposta ao desafio que ele representa, sem perder de vista que Deus está no controle da História.

BREVE HISTÓRICO RELIGIOSO

Vamos começar com um breve histórico do pensamento religioso, e as seguintes perguntas guiarão essa trajetória: Como as pessoas determinam a verdade? Como decidem o que é verdadeiro e o que não é?

O período pré-moderno. Na Idade Média (período pré-moderno), a verdade era tida como posse de grupos privilegiados, como o clero ou a Igreja. Se alguém desejasse conhecer a verdade, tinha de buscar um sacerdote. Sempre que os sacerdotes discordassem quanto à verdade, a decisão cabia à liderança da Igreja ou a algum concílio.

Modernismo cristão. Durante a Reforma, a confiança das pessoas nesses grupos privilegiados começou a ser minada. A verdade já não era vista como pertencente à Igreja ou ao Estado, mas residindo em afirmações lógicas, baseadas em cuidadosa pesquisa bíblica. Sacerdotes, papas e nobres já não tinham maior acesso à verdade que uma pessoa comum. Qualquer indivíduo, com diligência e talento, poderia compreender a verdade, através de cuidadoso estudo das Escrituras.

Modernismo secular. Com o Iluminismo, o mundo experimentou uma mudança do modernismo cristão para o modernismo secular. Embora os círculos intelectuais já estivessem fazendo essa mudança no século 18, o modernismo secular tornou-se a visão dominante na América do Norte por volta das primeiras décadas do século 20.

Começando com Descartes, pai da filosofia moderna, os modernistas seculares criam que a chave para a verdade não era o cuidadoso estudo da Bíblia, mas a dúvida metodológica. O alvo era eliminar todo tipo de superstição através da exposição das falhas dos pensamentos anteriores. Isso poderia ser alcançado pela aplicação de métodos científicos a todas as questões, inclusive as religiosas. Assim, os modernistas seculares não criam que a verdade pudesse ser encontrada na Bíblia ou na igreja, mas no processo científico de observação e experimentação.

Com a contínua aplicação do método científico, os “resultados obtidos” poderiam aumentar gradualmente até que a vida pudesse ser vivida com uma boa dose de confiança de que realmente tínhamos conhecimento das coisas. A ciência proferia a “verdade”, e a tecnologia garantiria o poder para transformar o mundo. A educação espalharia esse novo “evangelho”, e o resultado seria eventualmente um paraíso de fartura e segurança.

Mas, a realidade interferiu no caminho desse sonho. Cem anos atrás, o conceito de relatividade e a incerteza do princípio da mecânica quântica começaram a pintar um quadro muito diferente do Universo. O século 20 também pulverizou o sonho de um paraíso tecnológico. O progresso científico pareceu dar as mãos ao crescente aumento de poluição e crime. Duas guerras mundiais, o Holocausto e outros genocídios, armas de destruição em massa e o terrorismo combinaram para moer a confiança dos modernistas científicos. Uma nova geração proclamou a falsidade do deus do modernismo secular. Hoje, a humanidade deixa a verdade da ciência, para procurar a verdade em outras direções.

Pós-modernismo secular. No pós-



Ana Dragmaki

modernismo, a verdade não é encontrada primariamente na ciência, na Bíblia nem na Igreja. Ela é encontrada em relacionamentos e na narração de histórias. Em lugar de uma Verdade (com V maiúscula), o pós-moderno prefere “muitas verdades”, uma “variedade de verdades”, ou uma “verdade para mim”. O sentimento de que ninguém tem uma clara compreensão da verdade, mas que todos têm uma parte do quadro, resulta em pequenos pedaços de erudição flutuando num grande aparato de ignorância.

Portanto, a idéia de comunidade é um componente-chave da busca pós-moderna pela verdade. Enquanto cada um de nós partilha um pouco da verdade na qual é *expert*, todos são beneficiados. No ambiente pós-moderno, construir comunidades torna-se mais importante que as idéias que uma vez conservaram unidas as comunidades.

À primeira vista, a “verdade” básica do pós-modernismo parece verdade evidente. Somente um egoísta poderia pretender ter o controle da verdade. Os seres humanos reconhecem que “na multidão de conselheiros há segurança”, e que todos temos um pouco a aprender. Porém, existe algo mais aqui. Geralmente acolhedor e inclusivo, o pós-modernismo é exclusivista em três áreas:

1. Ele rejeita as grandes narrativas e histórias que tentam explicar todas as coisas, tais como o Grande Conflito. Acha que essas grandes histórias tentam explicar muito e, portanto, promovem um exclusivismo que leva à violência. Para o pós-modernismo, a fé é um combustível para ações terroristas da Al Qaeda ou do papado medieval.

2. O pós-modernismo rejeita a verdade institucionalizada (igreja) particularmente quando se considera única ou melhor que as outras. Assim, a idéia adventista de “igreja verdadeira” ou “remanescente” é problemática num ambiente pós-moderno.

3. O pós-modernismo tende a rejeitar a verdade da Bíblia, considerando que a Bíblia está cheia de violência, castigo eterno, submissão de mulheres e minorias. Embora a maioria das acusações seja impertinente, elas podem ser uma barreira significativa para a exploração casual das Escrituras.

A MÃO DE DEUS

Ao contemplarmos essas tendências, poderíamos questionar se a mão



Dynamic Graphics



Lara Johnson

de Deus poderia ser vista no pós-modernismo. É ele um ato do demônio, ou alguma coisa que Deus pode usar? É um caminho necessário, pelo qual Deus quer que a humanidade ande? Como adventista do sétimo dia, nutrido pelas profecias de Daniel e Apocalipse, não posso entender um ambiente que deixa Deus “sem testemunho” (Atos 14:17). Convencido de que a mão de Deus está atrás dessas mudanças e de que estamos avançando para cumprir Seu propósito, encontrei sete características do pós-modernismo que o justificam como algo positivo.

Senso de quebrantamento. Pós-modernistas definitivamente não partilham da autoconfiança dos modernistas seculares. São mais propensos a reconhecer suas carências e revelam uma profunda necessidade de cura interior. Embora isso possa levar ao desespero, também pode abrir o caminho para os ventos refrescantes do evangelho.

Humildade e autenticidade. Vivendo numa época que enfatiza a imagem, indivíduos pós-modernistas têm a humildade e a autenticidade em alta estima nos relacionamentos. É melhor alguém ser honesto com suas fraquezas e limitações, que ostentar uma falsa imagem. Humildade e autenticidade

estão, de fato, nas raízes da fé cristã. Confissão é nada menos que falar a verdade a respeito de si mesmo. No modernismo, a humildade era tida como demonstração de fraqueza e desvalorização. O pós-modernismo a considera de alto valor. Assim, Deus está conduzindo a cultura para o lugar em que ela valoriza um dos grandes princípios cristãos.

Busca de identidade. Os pós-modernistas buscam claro senso de identidade pessoal. Com poucos ou nenhum modelo para seguir, eles tendem a entrar em crise de identidade. Mas essa é uma abertura para o evangelho, segundo o qual Cristo pagou elevado preço pelo ser humano. A mensagem cristã ajuda a pessoa a entender de onde veio, por que está aqui e para onde vai. Nesse vácuo de identidade, podemos restaurar nos pós-modernistas seu senso de missão e propósito, mostrando-lhes que sua vida pode fazer diferença no mundo.

Senso de comunidade. Os pós-modernistas valorizam muito a idéia de comunidade, sendo mais propensos a construir e manter relacionamentos. A idéia de comunidade (*koinonia*) permanece fundamental no Novo Testamento. Se os cristãos aprenderem a experimentar e expressar o modelo de comunidade ali exposto, certamente encontrarão pós-modernistas interessados no que eles têm a oferecer. É a mão de Deus conduzindo um conceito atual lado a lado com a Bíblia.

Inclusão. Existe um senso animador de inclusão e aceitação nas atitudes do pós-modernista em relação às demais pessoas. E isso é um caminho aberto pela mão de Deus aos adventistas, a fim de que partilhem os ensinamentos e conceitos que os têm beneficiado durante mais de um século.

Espiritualidade. A geração mais jovem tende a ser mais espiritual que a anterior. Entre atores, atletas e eruditos, há pessoas mais abertas à fé. Embora ainda haja fortes suspeitas em relação às instituições tradicionais e à Bíblia, os pós-modernistas são abertos à discussão espiritual com alguém que conheça Deus e possa ensinar a outros sobre sua experiência pessoal.

Tolerância. Uma das grandes características do pós-modernismo é sua habilidade para tolerar pensamentos opostos aos seus. Essa disposição está bem de acordo com a visão bíblica de convivência e dá oportunidade para abordagem.

Histórias. Para os pós-modernistas, a verdade não é encontrada na igreja, nem na Bíblia, como é tradicionalmente compreendida, nem na ciência; mas na comunidade e suas histórias. Como a Bíblia é uma coleção de histórias, aí está uma chance para explorar as implicações desses relatos, dentro dos propósitos de Deus.

CIDADE-FORTALEZA E SAL

O pensamento pós-modernista afeta o modo como as pessoas se relacionam com a fé e com a religião institucionalizada. E, certamente, não seremos capazes de alcançá-las em seu contexto, se continuarmos presos a métodos tradicionais. Em Mateus 5:13-16, Jesus fala de dois tipos de comunidade cristã: um é baseado no modelo de cidade-fortaleza (construída sobre o monte); o outro é baseado no sal.

No modelo “fortaleza” de evangelismo, os santos permanecem atrás de muros protetores e seus portões, evitando a influência “do mundo” e salvaguardando a integridade comunitária. Porém, de vez em quando, empreendem uma “cruzada” e colocam seu exército em busca de alguns “cativos”. Estes são levados para dentro da fortaleza, os portões são fechados e tudo volta a ser como antes. Por outro lado, no modelo “sal” de evangelismo, o sal é misturado com o alimento chegando ao ponto em que dificilmente alguém pode dizer o que é sal e o que é alimento. O resultado desse processo é que a comida fica mais saborosa. Com esse modelo evangelístico, os santos integram-se ao mundo e o tornam melhor, por causa de sua presença.

Não estou sugerindo que a igreja descarte o modelo “fortaleza” de evangelismo. Ele funcionou bem no tempo do modernismo cristão e ainda tem valor em algumas áreas. Porém, o cres-

cente impacto do pós-modernismo na cultura dominante do mundo somente pode ser enfrentado melhor com a estratégia do sal. Aqui, a igreja é integrada de modo produtivo à sociedade, reacendendo o fogo do testemunho que tem esfriado em muitas culturas ocidentais. Com isso em mente, vejo oito oportunidades para mudanças necessárias em nossa abordagem evangelística tradicional, se é que desejamos realmente participar dos poderosos atos de Deus em Sua confrontação com os desafios do pós-modernismo.

“A diversidade pós-modernista abre portas para a variedade provida pelo Espírito Santo. Cristãos cheios do Espírito não cabem num método fixo de testemunho”

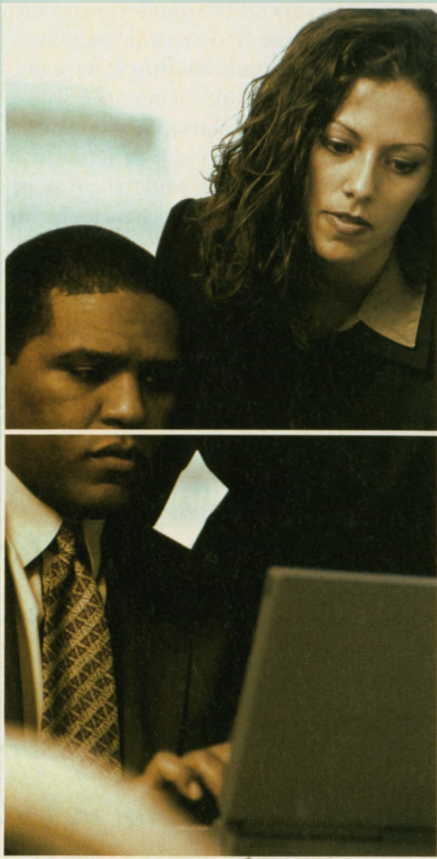
1. Do público ao relacional. Em nossa abordagem tradicional, as reuniões públicas são fundamentais. Mas, os pós-modernistas não se sentem à vontade nesse cenário. A experiência mostra que eles são mais propensos ao relacionamento pessoal, ao evangelismo da amizade. Esse modelo permite a exploração e discussão de idéias em seu próprio ambiente, e tem o apoio das Escrituras. O processo de fazer discípulos, segundo a Grande Comissão em Mateus 28:19 e 20, está fundamentado nessa estratégia.

2. Do curto ao longo prazo. Nosso evangelismo atual é um programa de curto prazo. A igreja investe na tentativa de levar pessoas ao batismo em poucas semanas. Mas, o exemplo de Jesus sugere que a paciência no evangelismo deveria ser norma, não exceção. Ele investiu três anos e meio em doze pessoas, e ainda sofreu uma traição. Nem sempre deveríamos esperar mudanças rápidas entre os pós-modernistas do nosso mundo.

3. Ouvir antes de falar. Geralmente, estabelecemos que devemos dizer às pessoas o que elas devem ser ou fazer e,



Dynamic Graphics



se não atenderem, o problema é delas. Isso não interessa ao pós-moderno. Ele não acha que nossas respostas são adequadas às grandes questões de sua vida. Poderemos ter êxito, contudo, se procurarmos ouvir antes de falar. É assim que descobrimos as necessidades das pessoas e as satisfazemos com o evangelho. Paulo usou esse método (I Cor. 9:19-23), tornando-se tudo para todos, a fim de salvar alguns.

4. Da igreja à comunidade. Os pós-modernos são resistentes quanto a ir à igreja, mesmo que os temas anunciados despertem interesse. Mas, eles estão na vizinhança e nas ruas. Então, precisamos alcançá-los onde se encontram. A igreja pode e deve ir até eles, realizando programações em salões, auditórios, casas, ginásios, e outros lugares da comunidade.

5. Multiplicidade de métodos. Com poucas variações, nosso modo de evangelizar permanece basicamente o mesmo do início do século 20. Algumas pessoas respondem muito bem, mas, no ambiente pós-moderno, é cada vez menor o número de pessoas que o consideram relevante. Os pós-modernos são muito diferentes entre si. O lado positivo disso é que tal diversidade pode ser enfrentada

com a variedade provida pelo Espírito Santo (I Cor. 12-14). Cristãos cheios do Espírito não cabem num método fixo de testemunho.

6. Evento versus processo. Nosso evangelismo tradicional focaliza a conversão e o batismo como eventos, às vezes, imediatos. Dificilmente isso funciona com pós-modernos. O evangelismo do sal pode ocorrer mesmo que não haja batismo imediato em vista. Nesse caso, é um processo que inclui encorajamento do interessado no sentido de começar ou continuar a caminhada em direção a Cristo. Depois de tudo, o evangelismo não finda no batismo. É um processo que tem continuidade com o discipulado do novo crente.

7. Controle de Deus. Adotar o evangelismo como processo relacional e de longo prazo pode significar mudanças de paradigmas antigos. No modelo tradicional, lutamos muito para levar uma pessoa desde o primeiro contato até o batismo. Embora isso tenha se mostrado efetivo com os modernistas, não é tão fácil entre os pós-modernistas. Nesse caso, os resultados estão além do nosso controle, e necessitamos atentar para o modelo de Paulo: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus deu o crescimento” (I Cor. 3:5-7). Algumas vezes, colheremos o que outros semearam; noutras vezes, outros colherão o que semeamos.

8. Da exclusão para a inclusão. Como adventistas do sétimo dia, desejamos ser uma igreja doutrinariamente pura, com elevados e consistentes padrões de estilo de vida. Mas também cremos que Deus nos enviou a todas as pessoas, de todas as culturas, a fim de alcançá-las com a mensagem de salvação. Na execução dessa tarefa missionária, precisamos ser sábios para que nossa pregação não seja considerada excludente. Se nos concentrarmos em seguir o exemplo de Paulo – “fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (I Cor. 9:22) – estaremos habilitados a praticar o princípio da inclusão sem rebaixar princípios nem descaracterizar nossa mensagem. Necessitamos ser mais inclusivos no modo como tratamos as pessoas.

DEIXANDO A ZONA DE CONFORTO

De acordo com o que foi sugerido até aqui, existem duas maneiras pelas quais a Igreja Adventista do Sétimo

Dia pode responder aos evidentes sinais de que Deus tem algo a fazer com a emergente condição pós-moderna do mundo.

Por um lado, podemos ver no transcurso das mudanças, o chamado divino para sairmos de nossa zona de conforto em busca dos pós-modernistas onde eles se encontram. Isso representa um desafio para desenvolvermos abordagens que, certamente, requererão grandes sacrifícios das congregações locais e até gerarão contendas e confusão em alguns lugares. Contudo, não podemos esperar ter sucesso na evangelização da mentalidade pós-moderna, se não fizermos mudanças substanciais em nosso procedimento tradicional.

Por outro lado, poderíamos adotar a posição de que Deus nos chamou exclusivamente para ser uma igreja pura, focalizada na doutrina, uma comunidade cuja tarefa é a preservação da verdade e a demonstração de elevados padrões. Poderíamos confiar em que Deus usará outros grupos cristãos para atuar na vanguarda do trabalho de levar os pós-modernistas ao conhecimento básico de Jesus Cristo. Ou, talvez, poderíamos confiar em que Deus, em algum momento, fará o milagre de conduzir a cultura prevalecente ao lugar ou à condição em que nossas respostas para as questões da vida a alcançarão, sem que necessitemos fazer significativas mudanças em nossos métodos. Essa estratégia pode até dar certo, mas a história e a experiência têm mostrado que, nos mantendo passivos, mais provavelmente permaneceremos à margem da sociedade.

Deus está agindo; tem tudo sob Seu controle. Está realizando uma obra poderosa no mundo. Quanto a mim, prefiro estar no centro daquilo que Ele está realizando, não à margem. Coloco-me ao Seu dispor, a fim de alcançar toda pessoa, de qualquer raça, cultura, origem ou etnia, que deseje e esteja procurando alguma coisa melhor que o que possui em sua vida. Desejo construir pontes através das quais possa alcançar outras pessoas e comunidades, em vez de construir muros que preservem meu conforto. Desejo curar corações, em vez de feri-los. Quero aprender o que Deus deseja ensinar-me, para que eu seja mais efetivo em qualquer lugar para onde Ele me enviar. Com isso, espero que, em meu falar e realizar, eu esteja revelando um pouco do espírito de Jesus. **M**

NEM MEDO NEM COERÇÃO



Stanley E. Petterson

Secretário ministerial
da Associação
Georgia-Cumberland,
Estados Unidos

*Existe
alternativa
para o modelo
ameaçador
de liderança
praticado
por muitas
instituições
seculares*

Depois de aproximadamente um mês e meio no espaço, os sete astronautas da nave espacial Columbia retornaram à atmosfera terrestre e acabaram colidindo com moléculas cada vez mais comprimidas que incendiaram a nave, que estava sob a suspeita de ter algum defeito. Pouco eles sabiam que também estavam mergulhando de cabeça nas conseqüências de uma “cultura organizacional” disfuncional. Resultado: todos eles morreram.

A comissão oficialmente nomeada para investigar o acidente citou o seguinte fator como uma das três questões culturais organizacionais da Nasa que contribuíram para o desastre: “Barreiras organizacionais que impediram a comunicação efetiva de informações críticas sobre segurança e diferenças profissionais de opinião abafadas.”¹

O jornalista William Langewiesche, da revista *Atlantic Monthly*, escreveu que “o temor por causa do trabalho silenciou os engenheiros”.² A nave *Columbia* estava em risco. A declaração de Langewiesche e o relatório da comissão de investigação revelam que, em virtude do medo, os engenheiros da Nasa falharam ao não advertir seus supervisores do risco sob o qual suspeitavam estar. Assim, a cultura prevalecente na Nasa impediu os engenheiros responsáveis pelo projeto de questionarem seriamente decisões administrativas. Lamentavelmente, o medo se tornou instrumento de liderança.

O FATOR MEDO

A utilização do medo como instrumento motivador certamente não é novidade. Essa prática tem marcado o comportamento organizacional ao longo da História. Embora, evidentemente, disfarçado em trajes mais sofisticados que os métodos despóticos de Josef Stálin, Adolf Hittler e outros, o medo que governou os relacionamentos organizacionais da Nasa carregava o mesmo estigma filosófico básico.

Janet Hagberg³ enumera o temor como o componente primário no mais básico e menos sofisticado modelo de como o poder pessoal pode ser usado em relacionamentos de liderança. É uma opção claramente dependente do grau de poder pessoal disponível a um líder ou estrutura de liderança. A influência equilibrada reside nos valores de relacionamento humano adotados pelo líder. Esses valores são fundamentais no contexto do cristianismo e requerem que consideremos a relevância ética da coerção e do medo em nossas lideranças e estruturas administrativas.

A atitude “faça o que eu digo e ponto” é a base primitiva para todo comportamento baseado no temor, que leva à prática de abuso físico, sexual, político ou emocional. O que nós raramente discutimos é o insidioso temor nas mãos de supervisores, gerentes e chefes com os quais muitos indivíduos convivem diariamente.

Liderança é a descrição de um relacionamento especial que existe entre as pessoas. Embora a palavra seja freqüentemente empregada como descrição de habilidade ou destreza que alguém possui para mover pessoas em busca de um alvo comum, ela é muito mais do que um indivíduo faz. A boa liderança está baseada no correto modelo de relacionamento entre o líder e seus liderados.

Na verdade, nós coexistimos em relacionamentos “coercivos”, como parte regular, e até inevitável, da vida. O indivíduo hierarquicamente superior a mim exerce relacionamento “coercivo” para comigo. Um empregado não apenas troca seu tempo e habilidades por salário ou recompensa, mas também concorda em sujeitar-se às estruturas que governam a organização. O lugar ou maneira em que o líder escolhe exercer a prática da coerção definirá se o relacionamento empregatício será saudável ou doentio. Um relacionamento saudável de trabalho requer respeito e apreciação mútuos pelo que cada parte desempenha em função do alvo comum. A presença ou ausência de temor serve como medida da saúde do relacionamento na liderança.

Joseph Rost propõe uma definição de liderança que desautoriza a presença de coerção. Diz ele que “liderança como um relacionamento de influência significa que o comportamento usado para persuadir outras pessoas não deve ser coercivo”.⁴

Gerenciamento e liderança não são coisas idênticas. Se há relacionamento coercivo, a situação deve ser definida como supervisão ou gerenciamento. Liderança só é possível quando um gerente ou supervisor eleva-se acima do comando e controla a estrutura que formalmente define o relacionamento com os subordinados. Isso é conquistado fora dos parâmetros de gerenciamento, através de laços de relacionamentos que motivam a busca de objetivos comuns.

LIDERANÇA CRISTÃ

De acordo com o modelo da igreja primitiva, a liderança cristã é isenta de estrutura coerciva para forçar a obediência. O Novo Testamento apresenta Jesus como líder-servo. Ali

não encontramos indicação de estrutura coerciva que governasse Seu relacionamento com os discípulos. Eles foram convidados abertamente e livremente a segui-Lo, e escolheram fazê-lo. Uma vez que o relacionamento teve início, aqueles discípulos permaneceram com Jesus por escolha própria e foram moldados por Sua influência no transcurso do tempo em que permaneceram juntos.

Embora tivessem recebido autoridade concedida pelo Espírito, aqueles homens foram comissionados a liderar uma organização isenta de estruturas coercivas. As pessoas às quais eles ministravam eram tão livres para abandonar o corpo de Cristo, assim como foram livres para se unir a ele. O elo que os mantinha unidos era o amor pelo Mestre e de uns para com os outros.

Jesus liderou Seus discípulos no contexto de um relacionamento que Ele constantemente procurou fortalecer. Durante Seus últimos dias na Terra, Jesus colocou significativa ênfase no fortalecimento e manutenção do relacionamento amoroso. Unidade mútua e com a Divindade foi a principal preocupação revelada em Sua oração sacerdotal antes da agonia do Getsêmani (João 17). Segundo Suas palavras, o êxito do ministério público dos discípulos dependeria da força e saúde do relacionamento entre eles (João 13:35). Assim, não havia a mínima insinuação de estruturas coercivas internas entre os primeiros cristãos.

A palavra hierarquia pode ser usada para descrever a estrutura organizacional da igreja primitiva, na medida em que anciãos e, posteriormente, diáconos foram designados para servir. Embora Cristo tivesse revolucionado

a estrutura tradicional de poder, sugerindo que os primeiros deveriam ser os últimos e os maiores deveriam servir, Ele não desafiou a ordem organizacional apropriada e necessária. Em vez disso, desafiou a atitude e o comportamento dos líderes nos sistemas hierárquicos tradicionais: em vez de ser servido, servir. Em lugar de receber, dar-se.

O FATOR AMOR

O princípio fundamental do Reino coloca o amor a Deus e amor pelo semelhante numa incontestável posição de primazia: “Amarás, pois, o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. ... Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.” Mar. 12:30 e 31.

As Escrituras Sagradas provêem um claro modelo de liderança baseado em relacionamento amoroso. Sendo isso verdade, devemos considerar sua aplicação às inevitáveis estruturas gerenciais dentro das quais operamos. Em virtude de que o mandamento do amor é uma diretriz claramente relacional e não está limitado a qualquer segmento particular da vida, devemos assumir que ele tem uma poderosa ligação de impacto sobre aqueles a respeito de quem declaramos ser cristãos. É justo assumir que o impacto de tal experiência deve ser revelado no modo como nos relacionamos com aqueles que estão acima ou abaixo de nós, na estrutura hierárquica organizacional dentro da qual servimos.

Algumas perguntas são oportunas: É possível a uma

organização operar em harmonia com a lei do amor e ainda sobreviver em um mundo competitivo, no qual os recursos são limitados, e a eficiência e a produtividade não são opcionais? Se a verdadeira liderança só pode ser exercida na ausência do

temor, como um líder pode motivar seus liderados, de modo que todos possam erguer-se acima das estruturas coercivas de gerenciamento e cooperar genuinamente para cumprir a missão da instituição?

Vamos explorar uma solução possível para a questão de exercer apropriada autoridade coerciva. Se um administrador, gerente ou líder estiver comprometido com a primazia da lei do amor, devemos pressupor que ele também esteja, antes e acima de tudo, preocupado com o bem-estar de seus liderados. Conseqüentemente, não pode liderar ignorando as necessidades dos indivíduos sob sua responsabilidade. Esse compromisso estratégico é alimentado por algumas decisões táticas, enumeradas a seguir:

1. Aumentar a competência do liderado através de treinamento e supervisão.
2. Fortalecer o senso de confiança do liderado, encorajando-o e treinando-o.
3. Criar um ambiente de trabalho que permita a criatividade e os inevitáveis enganos que a acompanham.
4. Capacitar sistematicamente o liderado, através da manifestação de confiança em seu trabalho e sua pessoa.
5. Refletir atitudes e comportamentos que não residam sobre estruturas coercivas disponíveis no relacionamento formal entre líder e servidor.
6. Demonstrar e comunicar genuína preocupação pelo liderado e sua família.

A pressuposição contida na lei do amor é que a produtividade superior ou mesmo aceitável recomendará o liderado com base em um relacionamento construído sobre o maior de todos os mandamentos.

NOVO MODELO

Durante a última década, o mundo empresarial tem gravitado em torno de um modelo de liderança e gerenciamento que enfatiza a capacitação do indivíduo, enquanto minimiza a separação entre administração e emprego. Muitas notáveis corporações têm descoberto que é possível sobressair-se em negócios enquanto aderem a uma abordagem de gerenciamento e liderança fundamentada no princípio de serviço. Já está mais que adequadamente demonstrado que o modelo industrial de eficiência e utilidade através do medo e exploração de empregados tem uma alternativa positiva no modelo de serviço, encontrado nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Robert Greenleaf, consultor da ATY&T, empresa gigante do ramo das telecomunicações, lançou o movimento secular em direção a esse modelo, com seu livro *Servant Leadership* [Liderança Serviçal], que reflete claramente suas raízes *quaquers*. Greenleaf ensina que as pessoas são chamadas por Deus para se relacionarem como “amigos” em todos os aspectos da vida. Embora, muitos tenham adotado, desde então, uma motivação direcionada para o lucro, pragmática, e não ideológica, aplicando-a ao modelo de serviço nos negócios e cultura organizacional, a liderança serviçal tem-se provado um modelo eficaz.

O modelo de serviço não depende do poder pessoal do “líder”, mas encontra sua eficácia na força do relacionamento de liderança existente entre as partes envolvidas no processo. Na verdade, liderança é um processo relacional que resulta na boa vontade para colaborar, verificada entre líderes e liderados. Esse processo – liderar em função do cumprimento de uma tarefa – é entendido sem o uso do tipo de medidas coercivas que tão frequentemente geram temor e separação entre o líder e seus seguidores.

Por essa razão, é absolutamente fundamental que todos os líderes, e particularmente os cristãos, compreendam o valor indispensável do relacionamento como elemento essencial da liderança efetiva. Embora o medo seja um ingrediente abominável em qualquer ambiente de liderança ou gerenciamento, é mais inaceitável ainda no contexto da liderança cristã. Por seu desígnio e propósito, a liderança cristã está impedida de utilizar qualquer estrutura coerciva baseada no poder pessoal. Pastores e líderes de qualquer segmento da igreja são chamados a liderar totalmente desprovidos desse expediente autoritário.

Às vezes, no decorrer da História, a igreja e seus líderes têm sido culpados de criar estruturas coercivas que permitem ao líder mandar em lugar de liderar. Doutrinas específicas já foram concebidas e nascidas a partir da necessidade de manipular o ignorante em direção a comportamentos que se acomodaram a desejos e necessidades institucionais. Quando tentado a lançar mão de meios coercivos, o líder cristão precisa refletir cuidadosamente sobre a liderança modelada por Aquele em virtude de quem é chamado cristão.

O ambiente administrativo da igreja nunca deveria permitir a presença de temor, criado pela coerção doentia. Respeito por toda pessoa, independentemente de sua posição ou função na igreja, é um dever. Cada pessoa é merecedora da dignidade nascida do amor cristão, e todo líder que escolhe sacrificar a dignidade de outro, por qualquer razão alegada, necessita aprender daquele que lidera através do amor.

*Líderes cristãos
estão impedidos de
utilizar qualquer
estrutura coerciva
baseada no poder
pessoal*

Acaso, tal perfil de liderança enfraquece o processo administrativo ou coloca a organização em risco? Não, pelo contrário. Mesmo uma responsabilidade administrativa tão extrema como é a dispensa de alguém, deve ser regida pela lei do amor, sem exceções. Amor e serviço podem ser efetivamente mantidos mesmo através de tempos, situações e tarefas difíceis.

Os ensinamentos da Palavra de Deus são fiéis e verdadeiros. A primazia da lei do amor é reforçada na primeira epístola de João: “No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor.” I João 4:18.

Ninguém na igreja, seja liderado ou líder, empregado ou não, deveria viver sob a nuvem do temor. Nosso Pai celestial não requer isso de nós, tampouco deveríamos nós requerer de outros. Ele é o modelo daquilo para o que fomos chamados e somos capazes para fazer: liderar sem usar o instrumento do medo. ❁

Referências:

- 1 Columbia Accident Investigation Board Report, vol. 1, agosto/2003, pág. 9.
- 2 Atlantic Monthly, vol. 292, n° 4, novembro 2003.
- 3 Janet Hagberg, *Real Power*, ver. ed. (Salem, Wisc: Sheffield, 1994), pág. 223.
- 4 Joseph C. Rost, *Leadership for the Twenty-First Century* (Praeger Publishers, 1993), pág. 105.

CÓDIGO DESVENDADO



Rodrigo P. Silva

Professor no Seminário de Teologia do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

Romance
transformado
em filme,
O Código Da Vinci
não resiste a um
confronto com
a Bíblia
e a História

Segundo um velho provérbio, “uma mentira mil vezes repetida se torna uma verdade”. Se olharmos, porém, desde uma perspectiva realista da existência, concluiremos que “uma mentira mil vezes repetida continua sendo uma mentira”. Mas é interessante notar que, no universo pós-moderno em que vivemos, uma mentira bem argumentada parece convencer multidões ávidas por acreditar em algo. Se essa mentira for bem produzida e contar com os efeitos especiais de Hollywood, aí sim, seu fascínio se tornará quase irresistível.

Foi o que aconteceu com o *best seller* do jornalista Dan Brown, intitulado *O Código Da Vinci*. Transformado em roteiro para as telas do cinema, continua gerando milhões de dólares através do filme que tem no elenco o famoso Tom Hanks. Não vi o filme, mas li o livro e percebi que, embora se trate de ficção, as entrelinhas do enredo deixam um espaço aberto para a possibilidade de realismo. Afinal, a trama mistura fatos reais, como a questionável conversão de Constantino e a mudança do sábado para o domingo, com fatos fictícios, como a existência de uma ordem secreta chamada Priorato de Sião.

A intenção do autor parece ter sido a de deixar o leitor com uma interrogação na mente: será isso apenas ficção? Ou haveria verdades históricas atrás desse drama? Isso é realmente uma grande estratégia de *marketing*, pois algumas vezes a insinuação exerce maior efeito que a afirmação. Se alguém quiser questionar o material, o autor dirá: “é apenas um romance!” Mas, se houver espaço para a credulidade, o material estará repleto de sugestões que colocam dúvidas na mente de muitos que não estão alicerçados na Palavra de Deus.

O DRAMA

O enredo começa apresentando a cena de um assassinato: Jacques Saunière, curador do museu do Louvre, em Paris, e celebrado como especialista na deusa e no sagrado feminino, é encontrado morto numa das galerias do museu. Antes de morrer, ao que tudo indica, Saunière teve tempo suficiente para, mesmo agonizando, dispor seu próprio corpo na posição de um famoso desenho de Leonardo Da Vinci intitulado *O homem vitruviano*, onde o artista retratou a imagem humana com braços e pernas estendidos dentro de um círculo. Junto ao corpo de Saunière havia ainda pistas misteriosas envolvendo números, anagramas e um pentagrama desenhado com seu próprio sangue.

O romance traz ainda outros personagens como Sofie Neveu, uma criptóloga que também é neta de Saunière, e Robert Langdon, professor de Harvard e especialista em “simbologia religiosa”, matéria que não existe em canto algum do mundo acadêmico.

A morte de Saunière teria sido encomendada pela *Opus Dei*, organização católica de fato existente, mas que, no livro, tem a tarefa de impedir que uma verdade “bombástica” destruisse completamente a tradição cristã. Essa verdade dizia, entre outras coisas, que Cristo fora casado com Maria Madalena e que ela estaria grávida dEle,

por ocasião de Sua morte na cruz. Uma vez que Pedro reprovava tal união e desejava a liderança do grupo, Maria teve de fugir para a Gália, atual França, e lá nasceu no anonimato a filha de Jesus, que recebeu o nome de Sara. Se tudo tivesse dado certo, conforme os planos originais de Cristo, seria Maria Madalena a líder dos discípulos, e não Pedro.

Enquanto o cristianismo crescia no mundo ocidental, especialmente depois da união com Roma, os descendentes de Jesus continuavam escondidos na França e acabaram unindo-se matrimonialmente com a família real dos merovíngios, o que lhes outorgou o direito real ao trono francês. Então, teve início uma guerra entre o cristianismo oficial de Roma e o cristianismo anônimo dos descendentes de Jesus e Maria Madalena. O primeiro usava o poder para tentar aniquilar os herdeiros de Jesus que, segundo o livro, guardavam quatro segredos:

1) A existência de documentos antigos que contavam a verdadeira história do cristianismo, incluindo a posição conjugal de Maria Madalena em relação a Cristo.

2) O Santo Graal, que muitos procuravam, não era um cálice sagrado, mas os ossos de Maria Madalena.

3) Os descendentes de Cristo eram os verdadeiros herdeiros do trono francês.

4) A devoção cristã deveria incluir o sagrado feminino, ou seja, a restauração da doutrina de uma deusa consorte ao lado de Deus.

Para proteger esse conjunto de “verdades teológicas”, nada mais perfeito que a fundação de uma ordem secreta chamada Priorato de Sião. Seus agentes, espalhados pelo mundo, não apenas protegeriam os segredos e os descendentes de Cristo, mas perpetuariam a mensagem de modo codificado em bibliotecas e galerias de arte. Saurière, o curador do Louvre, seria um desses agentes secretos. Leonardo Da Vinci seria outro, o que explica o título do romance.

ERROS PRIMÁRIOS

Olhando superficialmente, a história parece interessante e muitos ficam assustados com seu conteúdo, supondo que ele represente uma argumentação séria contra a veracidade da Bíblia. Porém, seu enredo está cheio de erros históricos e informações desencontradas. Vejamos algumas delas: Na página

274, Dan Brown diz que “os descendentes de Cristo geraram a dinastia que hoje é conhecida como merovíngia e fundaram Paris”. Ora, Paris já existia muito antes do nascimento de Cristo. Em meados do século 3 a. C., uma tribo gaulesa chamada parisii colonizou a ilha que existe no meio do rio Sena e fundou a vila de Lutetia, posteriormente chamada de Lutetia Parisorum, ou Paris. Os merovíngios (que surgiram bem depois disso) apenas tornaram Paris a capital da França, e isso em 508 d. C.

Na página 130, Brown transcreve a cena de uma palestra que o personagem Robert Langdon proferiu a um grupo de prisioneiros. Ali, ele explica que o principal quadro de Da Vinci fora propositalmente chamado de “A Monalisa”, para apresentar de modo codificado a existência de uma esposa para Deus. Segundo o autor, o nome *Monalisa* seria um código criado por Da Vinci para falar de duas divindades egípcias: o deus Amon e sua companheira, a deusa Isis. Portanto, *Amonalisa* seria a junção desses dois nomes egípcios, formando um casal divino. Tudo isso para lembrar ao leitor que Deus Pai tinha uma deusa companheira.

Brown, ou seu personagem Langdon, também afirma que *Lis* era o pictograma antigo usado para escrever o nome de Isis, daí o título *Amonalisa*. Contudo, o pictograma antigo usado pelos egípcios, ou mesmo a forma utilizada pelos gregos e pela língua copta, jamais admitia essa leitura proposta por Dan Brown. O fonema para Isis nos hieróglifos seria transliterado mais ou menos por *Awset*, e não “Lisa”. Em grego, com a pronúncia um pouco mais próxima do português, teríamos *Ezios*. Em copta, poderia ser lido *Ese*, ou *Esi*; nunca Lisa.

Ademais, Isis jamais foi companheira de Amon. Segundo a religião egípcia, a esposa desse deus era Mut. Isis era consorte de Osíris, o principal deus do panteão egípcio.

PRIORATO DE SIÃO

Brown também sustenta que o Priorato de Sião seria uma sociedade ou ordem secreta européia, fundada em 1099 d. C. Em 1975, segundo ele, a Biblioteca Nacional de Paris teria descoberto pergaminhos conhecidos como *Os dossiês secretos*, que identificavam inúmeros membros do Priorato de Sião, que atuavam como agentes du-

plos em favor da causa. Entre eles, estariam o físico Isaac Newton, o pintor Sandro Botticelli, o romancista Victor Hugo e o inventor Leonardo Da Vinci. Até Walt Disney é arrolado entre os “agentes”.

Aqui há uma série de erros sistêmicos. Em primeiro lugar, Brown confunde Priorato de Sião com a Ordem de Sião, extinta ordem monástica de cavaleiros fundada no fim do período das Cruzadas. O Priorato de Sião mencionado no livro é, na verdade, um movimento político idealista bem mais recente, que surgiu após a Segunda Guerra Mundial, e não tem relação com a antiga ordem templária.

Sua existência foi anunciada em 1962, após ter sido formalmente estabelecido em 1956, conforme documentos enviados ao cartório de Saint Julien, na França. O fundador desse movimento, Pierre Plantard, morto em fevereiro de 2000, foi diversas vezes condenado por racismo, fraude, falsidade ideológica e abuso de confiança, conforme dossiê levantado nos anos 80 pelo jornalista Jean Luc Chameil. Ele acompanhou os passos de Plantard e denunciou suas atitudes ilegais através de grandes jornais da França, Suíça e Grã Bretanha. Esse “priorato” não tem qualquer ligação com a Ordem de Sião, fundada na Idade Média, e que acabou dissolvida pelo rei Luiz XIII da França, em 1619.

Dan Brown também procura fazer o leitor acreditar na autenticidade dos “dossiês secretos”, aqueles pretensos documentos que conteriam os nomes de todos os supostos grãos-mestres do priorato e estariam arquivados na Biblioteca Nacional de Paris. Mas, tudo não passa de mais uma fraude de Plantard. Ele mesmo confessou perante o juiz Thierry Jean Pierre, numa audiência em setembro de 1993, ter forjado esses documentos, depositando-os na Biblioteca como suposta “doação” para o acervo. Seu intuito seria criar uma história de ascendência real que lhe rendesse, se não o trono da França, pelo menos uma indenização ou pensão vitalícia por parte do governo francês.

JESUS E MARIA

A Bíblia não oferece o menor indício de que Jesus e Maria Madalena tivessem qualquer relação marital. Porém, Dan Brown argumenta que, quando Jesus, depois da ressurreição, disse a Maria que não o tocasse por-

que ainda não havia subido ao Pai (João 20:17), Ele usou o verbo *haptô*, que também aparece em I Coríntios 7:1 com o sentido de intercurso sexual com mulheres. Nessa passagem, Paulo usa uma expressão idiomática – “tocar em mulher” – que realmente significa “manter relações sexuais”. Mas, utilizado sozinho, o verbo *haptô* tem o sentido simples de segurar, deter ou tocar. Ele aparece também em outras passagens que nem de longe significam intercurso sexual. São os casos das mães que pediam a Jesus que *tocasse* suas crianças (Luc. 18:15) e da multidão que *tocava* Jesus, pois sentia que dEle saía poder (Luc. 6:19).

A impropriedade dessa tese também pode ser vista num dos documentos citados pelo livro na tentativa de provar que Jesus era marido ou amante de Maria Madalena. Trata-se do pseudo Evangelho de Felipe, documento apócrifo tardio, erradamente atribuído a esse apóstolo, e que fora produzido mais de 200 anos após a morte de Jesus. O simples fato de se tratar de um documento fictício tardio já desmerece bastante seu conteúdo, para fins de levantamento histórico. Mas, existem ainda algumas falhas que podem ser destacadas. Dan Brown comete dois erros básicos no uso que faz dessa fonte: Em primeiro lugar, ele, ou seu personagem chamado Sir Leigh, diz que o livro de Felipe fora escrito em aramaico e que seria um dos mais antigos documentos cristãos. Porém, além de ser um documento tardio e de conteúdo duvidoso, o falso evangelho foi escrito em grego. A única cópia existente é uma tradução copta encontrada no Egito.

A versão apresentada por Brown sugere acréscimos que não podem ser mencionados como estando no texto original. Vejamos o primeiro texto, à página 263 do livro: “E a companheira do Salvador é Maria Madalena. Cristo a amava mais do que a todos os discípulos e costumava beijá-la com frequência na boca. O restante dos discípulos ofendia-se com isso e expressava sua desaprovação. Diziam a Ele: ‘Por que Tu a amas mais do que a nós todos?’”

Essa citação ignora o fato de que textos antigos, sejam papiros ou pergaminhos, muitas vezes possuem lacunas provocadas pela ação do tempo, e, a menos que haja outra cópia do texto, torna-se impossível saber o que estaria

escrito ali. Se lermos o mesmo trecho de Felipe, citado por Brown, respeitando as lacunas do manuscrito original, o sentido seria bem diferente: “E a companheira do [...Ma]ria Mad[alena]. [...amou] a ela mais que [todos] os discípulos [e costumava] beijá-la em sua [...os] demais [...] viram Seu amor por Maria e perguntaram a Ele: Por que o Senhor [a] ama mais do que a nós? E o Senhor respondendo disse: amo vocês tanto quanto a ela [...]”

Como se vê, existe uma lacuna após a expressão “beijá-la em sua...”. Qualquer acréscimo feito aqui, seja “boca”, “mão” ou “face”, será de inteira responsabilidade do editor e não do escriba original.

O QUADRO DA CEIA

E quanto ao quadro da Santa Ceia, pintado por Da Vinci, que há de tão especial nele? Essa pintura está no centro dos argumentos de Dan Brown, uma vez que, segundo a tese levantada no romance, seria Maria Madalena, e não João, quem se reclinava ao lado de Cristo. A famosa obra está pintada numa parede do convento dominicano de Santa Maria Delle Grazie, em Milão, Itália. Nela, Da Vinci procurou retratar o momento exato em que Cristo revelou a Seus discípulos que um deles haveria de traí-Lo. O olhar de espanto é evidente no semblante de todos, inclusive no de Judas, que aparece com um saquitol de moedas na mão.

Brown chama a atenção para o discípulo que se encontra imediatamente ao lado direito de Cristo e que, por ser o único sem barba, seria descrito como uma mulher e não homem. A conclusão dele é que seria Maria Madalena, a “esposa” do Salvador. A Bíblia, no entanto, revela que Jesus tinha doze discípulos, não apenas onze, e o livro não parece objetar. Se a pessoa à direita de Cristo fosse Maria e não um discípulo, seria o caso de se perguntar: por que Da Vinci não pintou treze discípulos (Maria e os demais), em vez de pintar doze?

De acordo com a especialista em História da Arte, Elizabeth Levi, o fato de aquele discípulo ser o único sem barba não indica que se tratava de uma mulher. Citada por Amy Welborn, no livro *De-coding Da Vinci*, pág. 112, ela explica: “Em seu *Tratado Sobre a Pintura*, Leonardo comentava que cada figura deveria ser pintada de acordo com sua posição social e idade.” Ou seja, um neófito sempre seria pintado com cabelos longos e rosto barbeado, trans-

mitindo a idéia de que ainda não era amadurecido. Então, se o retrato do adolescente João Batista, pintado por Da Vinci, o mostra com traços delicados e o rosto barbeado, isso não indica feminilidade, mas inocência e imaturidade juvenis. Essa mesma regra foi seguida por outros pintores renascentistas, como Jean Daret, Ghirlandaio e Castagno. Portanto, na pintura da Santa Ceia, João é retratado imberbe, para destacar sua juventude em relação aos demais apóstolos.

Brown ainda insinua haver no quadro u’a mão desprovida de corpo, o que, para ele, sugere um sinal de que a vida de Maria (suposta discípula ao lado de Cristo) corria perigo. Mas um olhar atento mostra que se trata da mão de Pedro que, segundo o evangelho, levava consigo uma espada com a qual cortaria a orelha de Malco, servo do sumo sacerdote, lá no Getsêmani.

Muitas outras coisas poderiam ser escritas, para mostrar as inconsistências do livro de Dan Brown em contraste com a firmeza da Bíblia. Porém, o que foi mencionado é suficiente para ajudar a perceber que *O Código Da Vinci* não passa de mais uma tentativa infundada de desacreditar a Palavra de Deus. Seu esforço, porém, será inútil. Os homens passam e o saber se desatualiza, mas a Palavra do Senhor permanece para sempre. ■

SAIBA MAIS



LIVRE PARA CRESCER



Wilson Borba

Diretor de Ministério
Pessoal da Associação
Paulista Oeste

*Dez chaves
que abrem
as portas do
crescimento
de uma igreja*

Embora muito se fale em crescimento de igreja, e todos os pastores desejem vê-lo como realidade em suas congregações, provavelmente, muitos não saberiam responder quais são os fatores ou chaves que o tornam possível. Este artigo tem o objetivo de ajudar a identificar e implementar esses fatores, enumerados a seguir.



1. O SENHOR DA IGREJA

Esse é o princípio mais importante. Na realidade, é Deus quem faz a igreja crescer, e não cabe ao homem o comando desse processo. A parte humana é apenas colaborar com o Senhor da Seara (Mat. 9:38), numa ação eventual, enquanto a ação de Deus é contínua e ininterrupta. De acordo com o apóstolo Paulo, o homem semeia e rega, mas Deus é quem promove o crescimento (I Cor. 3:6 e 7).

“A nossa tarefa não é produzir crescimento de igreja, mas liberar o potencial natural que Deus já colocou na igreja.”¹ Assim, o agente humano não tem de criar princípios de crescimento da igreja, pois eles já foram criados por Deus. Cabe ao homem descobri-los e aplicá-los. Sob a direção do Espírito de Deus, podemos desenvolver estratégias de trabalho missionário coerentes com os princípios instituídos por Deus.



2. O PASTOR

Uma igreja que cresce simplesmente reflete a liderança visionária, serviçal e capacitadora de seu pastor. Ele sonha com o crescimento e partilha esse sonho com seus auxiliares e os demais membros da igreja. Empenha-se em inspirar, treinar e capacitar os santos para o serviço (Êfes. 4:11-13). No território da Associação Paulista Oeste, APO, secretários de departamentos e pastores de igrejas trabalham como inspiradores, facilitadores e treinadores, dentro do projeto “Evangelismo Integrado de Colheita”. Entre outras coisas, esse plano focaliza o envolvimento da liderança e da força voluntária das congregações na missão de salvar.



3. DONS ESPIRITUAIS

Pesquisa realizada em igrejas que mais crescem nos cinco continentes revelou que 68% dos seus membros desenvolvem ministérios compatíveis com os dons espirituais recebidos. Em igrejas decrescentes, apenas 9% dos membros estavam engajados em tarefas de acordo com os dons que receberam.²

O pastor inteligente investirá no preparo de seus colabora-

dores e os organizará para o trabalho missionário, levando em conta os dons espirituais disponíveis. Existem métodos sofisticados para que cada membro descubra seus dons. Porém, o mais fácil é realizar uma pesquisa, de preferência, por ocasião da escolha de oficiais para o ano eclesiástico.



4. TREINAMENTO

O conhecimento dos dons existentes na congregação não é suficiente. É preciso treinar, capacitar e equipar os santos para o ministério. Não podemos desconsiderar o seguinte conselho: “Toda igreja deve ser uma escola missionária para obreiros cristãos. Seus membros devem ser instruídos a dar estudos bíblicos, em dirigir e ensinar classes da Escola Sabatina, na melhor maneira de auxiliar os pobres e cuidar dos doentes, de trabalhar pelos inconversos. Deve haver cursos de saúde, de arte culinária, e classes em vários ramos de serviço no auxílio cristão. Não somente deve haver ensino, mas trabalho real, sob a direção de instrutores experientes. Que os mestres vão à frente no trabalho entre o povo, e outros, unindo-se a eles, aprenderão em seu exemplo.”³



5. ATENÇÃO ÀS NECESSIDADES

Jamais devem ser passadas por alto as necessidades das pessoas que desejamos alcançar com o evangelho. E, na prática desse princípio, Jesus é o maior exemplo. “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’”⁴

Igrejas que crescem manifestam o princípio encarnacional do ministério de Cristo, atuando na comunidade em que estão inseridas, suprimindo necessidades, conquistando a confiança das pessoas e fazendo amigos.



6. ESPIRITUALIDADE CONTAGIANTE

A espiritualidade contagiante é característica de igrejas em que os crentes vivem entusiasmados em razão

das maravilhas que Deus tem operado entre eles. Com isso, atraem multidões. “Em qualquer igreja onde vidas estão sendo transformadas, casamentos estão sendo restaurados e o amor flui livremente, será preciso trancar as portas para evitar que o povo vá até lá.”⁵

Um dos meios que se mostram eficazes na promoção da espiritualidade contagiante é a oração intercessora. As igrejas em que ela tem sido praticada sistematicamente estão colhendo grandes resultados em conversões e batismos. Em cada congregação, deve-se ter uma agenda contendo nomes de pessoas pelas quais orar, e Deus irá responder.



7. PRIORIDADES EVANGELÍSTICAS

No processo de evangelização, devemos considerar três prioridades. A primeira é fazer discípulos. Esse é o objetivo

da Grande Comissão (Mat. 28:18-20). Os três participios aoristos gregos (segundo o texto original) – “indo, pregando, batizando” – são o meio para alcançar o objetivo. A ênfase isolada no “indo”, sem pregar, batizar e fazer discípulos, gerará uma igreja sem mensagem, decrescente em quantidade e qualidade. No caso de enfatizar-se unilateralmente o “pregando”, o resultado será uma igreja que somente prega, sem a preocupação de alcançar os não-alcançados. Conseqüentemente, não haverá batismos nem discípulos. O esforço centralizado apenas em batizar, por sua vez, enfatizará os números em prejuízo do discipulado e da missão como um todo. Precisamos ir, pregar e batizar, com o objetivo de fazer discípulos.

A segunda prioridade evangelística é o *evangelismo profético*. O período em que a Igreja Adventista do Sétimo Dia experimentou maior índice de crescimento em sua história foi a década entre 1870 e 1880, quando priorizou o evangelismo profético.⁶ Naquele período, a taxa de crescimento decadal (TCD) foi de 188% (ver quadro abaixo).

Com razão, Ellen White escreveu: “A obra evangelística, de abrir as Escrituras aos outros, advertindo homens e mulheres daquilo que está para vir ao mundo, deve ocupar, mais e mais, o tempo dos servos de Deus.”⁷

Então, chegamos à terceira prioridade na evangelização: a *preponderância do evangelismo* propriamente dito, sobre todas as demais atividades. Observe que, ainda na era do evangelismo profético, a Igreja teve uma redução significativa em seu crescimento, na década de 1880-1890. Uma razão para esse decréscimo foi o “fator Kellogg”, representado pelo Dr. John H. Kellogg e sua ênfase social em detrimento do evangelismo. A retomada do crescimento (1890-1900) foi uma resposta à interferência de Ellen White, que advertiu: “Há perigo na tentativa do Dr. _____, de satisfazer as normas do mundo em suas idéias e práticas. Ele necessita buscar ao Senhor a cada passo. Precisa conservar em mira, não a sua própria glória, mas a glória do Senhor. ... E ele está em pe-

ERAS DO EVANGELISMO ADVENTISTA	TAXA DE CRESCIMENTO DECADAL (TCD)
Era do evangelismo profético (1870 – 1900)	1870 – 1880 – 188% 1880 – 1890 – 92% 1890 – 1900 – 155%
Era do evangelismo institucional (1900 – 1980)	1900 – 1910 – 38% 1910 – 1920 – 77% 1920 – 1930 – 70% 1930 – 1940 – 61% 1940 – 1950 – 50% 1950 – 1960 – 65% 1960 – 1970 – 70% 1970 – 1980 – 70%
Era do evangelismo relacional (1980 – 2000)	1980 – 1990 – 92% 1990 – 2000 – 75%

rigo de pôr a obra médico-missionária em primeiro lugar, fazendo dela o corpo em lugar de o braço. Ele não será bem-sucedido nisso, e não deve tentar o que não pode realizar. Estará deseioso de fazer grandes coisas separando do ministério do evangelho a obra médico-missionária; o Senhor, porém, não manda que Seus médicos separem a obra médico-missionária do ministério evangélico. A verdade, a verdade presente para este tempo, deve ser crida e seguida em ligação com os princípios da reforma de saúde”⁸



8. CULTO INSPIRADOR

“A Bíblia é um livro saturado com o tema da adoração.”⁹ Nas Escrituras Sagradas encontramos o mo-

delo da verdadeira adoração. Ali, aprendemos que o interesse em adorar a Deus deve ser teocêntrico, ou seja, centralizado em Deus, motivado por Ele, e por causa dEle. Seu caráter santo e maravilhoso nos constrange a tributar-Lhe adoração de todo o nosso coração, força e entendimento. Ele é o Criador e Redentor, atributos que O tornam digno de louvor e culto (Êxo. 20:1-3; Mat. 4:10; 22:37; II Cor. 5:14; Apoc. 4:11; 5:12).

Como líderes, responsáveis por conduzir congregações no culto a Deus, devemos estar atentos para imitar o exemplo de Moisés que, após ter recebido instruções divinas, organizou uma equipe de auxiliares e lançou-se à tarefa de construir o tabernáculo e equipá-lo com todos os móveis e instrumentos de adoração. Depois de tudo pronto, “viu, pois, toda a obra, e eis que a tinham feito segundo o Senhor havia ordenado; assim a fizeram, e Moisés os abençoou” (Êxo. 39:43).

Adoração teocêntrica significa muito mais que prestar culto eventual e momentâneo a Deus. É colocá-Lo em primeiro lugar, acima de todas as coisas, em todas as situações e experiências da vida. Na verdade, abrange tudo o que o crente é e faz antes, durante e depois do serviço litúrgico. O principal objetivo da adoração é a glória de Deus. Sem isso, o adorador não será edificado. A adoração que exalta a Cristo era a grande característica das igrejas crescentes do primeiro século. Elas praticavam o modelo de Antio-

quia, onde os discípulos foram chamados cristãos pela primeira vez.¹⁰ Esse princípio de adoração tem sido realidade nas igrejas que crescem.

9. PEQUENOS GRUPOS



Nas igrejas que crescem, “há o estímulo consciente para que os grupos familiares se multipliquem pela divisão”.¹¹ Pequenos grupos. Eis a resposta acertada para a pergunta: “Qual é o método mais fácil para discipular e cumprir o imperativo da Grande Comissão?” Igrejas que se organizam em pequenos grupos encontram nesse modelo o fator determinante para o sucesso da colheita, nos aspectos quantitativo e qualitativo.

10. PROJEÇÃO DE ALVOS



Deus não está interessado em quantidade sem qualidade, nem em qualidade que despreza a quantidade. Ele não deseja que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento (II Ped. 3:9). Deseja que todos os homens sejam salvos (I Tim. 2:4). Por isso, não deveríamos nos mostrar resistentes à projeção de alvos, não apenas de pessoas batizadas, mas de discípulos.

Certa denominação cristã encontrava-se estagnada em seu crescimento, por vários anos, e Peter Wagner, especialista em crescimento de igreja, foi convidado a examinar a situação, com o objetivo de promover a retomada do crescimento. Sua primeira idéia foi reunir os pastores e pedir-lhes que, de posse dos números de membros das respectivas congregações, avaliassem a marcha do crescimento delas, nos últimos dez anos. O resultado foi desolador. Em seguida, eles fo-

ram incentivados e orientados a projetar alvos para os anos seguintes, e, através de gráficos, os apresentassem às igrejas. A reunião que se iniciara com semblantes desanimados e tristes transformou-se num ambiente de otimismo e entusiasmo. A denominação passou a crescer assustadoramente e, a partir dali, nascia um estilo de evangelismo denominado “Evangelização incorporativa”,¹² na qual os pastores projetam seus alvos e se comprometem com o crescimento eclesástico.

Esse princípio foi testado em três igrejas da APO. Os pastores envolvidos projetaram alvos de crescimento, juntamente com líderes voluntários e membros que foram envolvidos e desafiados a alcançá-los. Todos se sentiram comprometidos, por haverem participado do planejamento, e trabalharam com entusiasmo. Os resultados comprovam o êxito do Evangelismo Integrado de Colheita, conforme o quadro abaixo:

Os dez fatores que libertam uma igreja em busca de seu próprio crescimento, apresentados neste artigo, certamente não são os únicos existentes. Há muitos outros que cada pastor pode descobrir e aplicar em seu trabalho. E Deus concederá o sucesso. **M**

Referências:

- 1 Christian A. Shwarz, *O Desenvolvimento Natural da Igreja* (Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1996), pág. 10.
- 2 *Ibidem*.
- 3 Ellen G. White, *Serviço Cristão*, pág. 59.
- 4 _____, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143.
- 5 Ricky Warren, *Uma Igreja com Propósitos* (São Paulo, SP: Editora Vida, 2001), pág. 55.
- 6 Daniel Júlio Rode, *Estratégias de Crescimento de Iglesia* (Universidade Adventista del Plata, Argentina, 2006), pág. 105.
- 7 Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 17.
- 8 _____, *Medicina e Salvação*, pág. 159.
- 9 Andrew W. Blackwood, *The Fine Art of Public Worship* (Nashville, TE: Cokesbury Press, 1939).
- 10 Hemphill, *El Modelo de Antioquia*, págs. 36-39, citado por Isabel e Daniel Rode em *Crecimiento* (Buenos Aires, AR: Aces, 2003), pág. 80.
- 11 Christian A. Schwarz, *Op. Cit.*, pág. 33.
- 12 Peter Wagner, *Estratégias de Crescimento de Igreja* (São Paulo, SP: Editora Sepal, 1991), págs. 152, 156 e 157.

IGREJAS	BATISMOS EM 2004	BATISMOS EM 2005	TAXA DE CRESCIMENTO
Jardim Centenário	15	30	100%
Vila Regina	09	22	144%
Bairro Bom Jesus	09	30	233%

LIÇÕES DA ROCHA FERIDA



Manoel Xavier de Lima

Pastor e administrador,
jubilado, reside em
Artur Nogueira, SP

“Quanto mais importante é a posição de alguém, e maior sua influência, maior é a necessidade de que cultive a paciência e a humildade”

Confesso que, durante algum tempo, tive dificuldade para entender a justiça de Deus, ao impedir, como punição, a entrada de Moisés na Terra Prometida (Num. 20:2-13). Porém, o capítulo 37 do livro *Patriarcas e Profetas* é rico em detalhes e não deixa dúvidas quanto ao fato de que, o maior líder humano de todos os tempos vacilou na maturidade de sua fé. No lamentável episódio de Meribá, ele insinuou atribuir para si a capacidade de matar a sede do povo, esquecendo-se de que isso era prerrogativa exclusiva de Deus. “Porventura faremos sair água desta rocha para vós outros?”, perguntaram Moisés e Arão, pondo-se “no lugar de Deus, como se o poder estivesse com eles, homens possuídos de fragilidade e paixões humanas” – *Patriarcas e Profetas*, pág. 418.

Perante a revoltosa multidão, demonstrando falta de humildade, paciência, fé e domínio próprio, com ímpeto de ira, Moisés feriu a rocha duas vezes com a vara. A fascinação do poder subiu à cabeça do respeitável homem de Deus, ofuscando-lhe a visão espiritual, impedindo-o de ver naquela rocha o próprio Cristo. Que tremenda lição para líderes de todos os níveis e áreas: pastores, administradores, educadores e pais.

Estando ainda na Terra, os santos não se encontram livres dos ataques sutis do inimigo das almas, que não dá tréguas na tentativa de abater, através do orgulho, os servos de Deus. Quando se perde a batalha contra o “eu”, perde-se a batalha da vida. “A verdadeira grandeza dispensa ostentação”, diz Ellen G. White (*DTN*, 242). Foi por absoluta misericórdia de Deus que a água jorrou abundante, saciando a sede do povo. Ele é sempre o verdadeiro provedor do êxito. É dele a iniciativa de salvar homens e mulheres. Somos apenas Seus instrumentos.

A MEIA-VOLTA

Pai amoroso que é, o Senhor não repreendeu Seu servo publicamente. Nos bastidores, entretanto, a correção foi severa: “Visto que não crestes a Mim, para Me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso, não fareis entrar este povo na terra que lhe dei”. Num. 20:12. Deus ama o pecador, mas abomina o pecado cometido por quem quer que seja. Moisés voltou à faina e viu a morte de Arão, seu irmão

mais velho e companheiro de ministério. E esperou sua vez de encerrar seu trabalho e a vida de 120 anos.

O ponto culminante dessa crise foi o retorno de Moisés à verdadeira grandeza, reconhecendo o erro cometido. E “o Senhor aceitou seu arrependimento, embora não pudesse remover a punição, por causa do mal que seu pecado poderia fazer entre o povo” – *Patriarcas e Profetas*, pág. 419. Então, “contou ao povo que, visto ter deixado de conferir glória a Deus, não os poderia guiar à Terra Prometida”.

Moisés tinha tudo para revoltar-se e ficar amargurado. Porém, não lamentou não se queixou, nem se insurgiu contra Deus. Devido a seu fiel e constante colóquio com Ele, alcançou a bênção de ser recolhido para o Céu, antes da futura ressurreição dos justos (Mat. 17:3).

O QUE APRENDEMOS

Domínio próprio. Diante das dificuldades e provas, o líder não deve se exasperar. Afinal, a causa não lhe pertence, mas a Deus. Este, sim, é o Senhor da missão. Ponha-se apenas como fiel mordomo e instrumento em Suas mãos.

Humildade. Quando errar, reconheça o erro e o confesse. Moisés não perdeu autoridade, dignidade nem admiração diante do povo, ao admitir que errou. Quando morreu, o povo o pranteou durante 30 dias (Deut. 34:8).

Maturidade. O exercício de liderança requer maturidade. Ressentimento diante da repreensão indica falta dessa virtude indispensável ao líder.

Vigilância pessoal. O líder deve manter permanente vigilância sobre os pontos vulneráveis da natureza humana. Cada indivíduo conhece os seus, e eles estão na mira do adversário. Moisés foi vítima de um momentâneo descuido.

Percepção clara. “Falai à rocha”, foi a expressa ordem de Deus. Foi no fragor da crise e sob intensa pressão que Moisés e Arão confundiram a solução apresentada por Deus. Precisamos ter claro discernimento.

Finalmente, embora nos seja dito que “quanto maior a luz e os privilégios concedidos ao homem, maior será sua responsabilidade, mais grave a sua falta, mais severo o seu castigo”, podemos estar seguros de que Deus repara nossos erros e, por Sua graça, nos receberá também na Canaã celestial como servos bons e fiéis. **M**

Estratégias Evangelísticas Contagiantes

I Simpósio Nacional de *Crescimento de* **Igreja**

Data:
02 a 04 de Fevereiro de 2007

Local:
IAENE

Inscrições:
Depto. de Ministério Pessoal do seu campo

PALESTRANTES:

Jonathan Kuntaraf • CG
Peter Prime • CG
Ruy Nagel • DSA
Alejandro Bullón • DSA
Otimar Gonçalves • DSA
Emílio Abdala • IAENE
Luiz Gonçalves • APC
Ranleri Sales • DSA

CHAMADO À UNIDADE TEOLÓGICA

Teólogos adventistas de todo o mundo reafirmam o papel desempenhado pela Bíblia



Da ANN, ASN e Márcio Guarda (enviado especial)

Durante os dias 7 a 17 de julho, foi realizada na província de Izmir, Éfeso, na Turquia, a Segunda Conferência Bíblica Internacional, que reuniu teólogos e administradores da Igreja Adventista do Sétimo Dia de várias partes do mundo. O evento foi patrocinado pelo Instituto de Pesquisas Bíblicas da Associação Geral, e teve como tema “O teólogo adventista e a natureza, missão e unidade da Igreja”. A programação incluiu mensagens devocionais diárias, apresentadas pelo Pastor Mark Finley, reuniões plenárias, seminários abrangendo mais de 70 assuntos e visitas a locais de interesse bíblico e arqueológico.

Na reunião de abertura da conferência, o Dr. Angel Manuel Rodriguez, diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas, evidenciou a motivação do encontro, ao afirmar: “Se a Igreja Adventista prosseguir no seu atual ritmo de crescimento, deve se tornar a maior e a mais influente igreja protestante do mundo.



Teólogos brasileiros

que vamos encontrar é objeto do amor de Deus para a salvação, mas sem saber exatamente o que Deus requer em cada cultura ou cada situação para erguer as pessoas da perdição para a salvação. O futuro, com seus desafios de globalização, diversidade e abertura é a única direção para onde podemos ir. Entretanto, temos que avançar sem nos distanciar dos fundamentos do cristianismo.”


Temos que articular com clareza uma teologia adventista.”

E em seu sermão do primeiro sábado, o Pastor Jan Paulsen, presidente da AG, disse: “Temos que caminhar em direção ao futuro, criativamente e sem medo, sabendo que cada ser humano

munidade adventista mundial. As afirmações estão centralizadas na importância da Bíblia, na contribuição singular dos escritos de Ellen G. White, na missão da Igreja no fim dos tempos, sua dependência do Espírito Santo e no papel exercido pelos teólogos em ajudar a Igreja na sua responsabilidade de cumprir a missão bem como na manutenção das doutrinas e dos padrões bíblicos.

A declaração também reafirma o absoluto comprometimento com Jesus Cristo, a compreensão bíblica da profecia e nossa herança teológica, a identidade única e o papel da Igreja como remanescente de Deus, incumbido de levar a mensagem que prepara o mundo para o breve retorno de Cristo.

APELO

Juntamente com essas afirmações, os delegados votaram três apelos. O primeiro é dirigido a todos os teólogos, professores, pastores, administradores e anciãos de igreja para se unirem no compromisso de agir positivamente em função do cumprimento de tais afirmações. O segundo apelo, dirigido a todas as instituições e organizações, é no sentido de que apoiem e promovam as reafirmações propostas. E, finalmente, o terceiro apelo é feito para que os membros estudem as Escrituras e reafirmem o importante papel desempenhado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia como povo remanescente de Deus, no fim dos tempos. 

DECLARAÇÃO

Numa “declaração de consenso”, votada por aproximadamente 250 participantes, o grupo aprovou seis afirmações e três apelos destinados a vários segmentos da co-



UNIÃO CENTRAL REALIZA CONCÍLIOS

Tendo em vista a integração dos pastores de seu território, em função do programa evangelístico desenvolvido, a liderança da União Central-Brasileira promoveu a realização de vários concílios neste semestre.

Fotos: Divulgação



Pastor Acílio Alves

O primeiro deles, entre os dias 30 de julho e 2 de agosto, reuniu 170 participantes, entre administradores, secretários de departamentos e diretores de instituições, “para unificação dos objetivos evangé-

listicos e planejamento das atividades para 2007”. O encontro teve lugar em Águas de Lindóia, e contou com a presença do Pastor Melchor Ferreyra, secretário da Divisão Sul-Americana.

O ponto considerado mais relevante do encontro foi o plano para celebração do centenário da presença adventista no Estado de São Paulo. De acordo com o que foi estabelecido, 100 igrejas de cada Associação devem batizar, cada uma, 15 pessoas até o fim do ano. Uma Semana de Colheita está programada para o mês de dezembro, e deverá contar com a participação de todos os pastores e obreiros do território da UCB.

No dia 17 de agosto, 78 aspirantes ao



Pastores das instituições da UCB

ministério foram reunidos no Unasp, campus de Hortolândia, onde foram orientados pelos Pastores Acílio Alves e Ranieri Sales, respectivamente secretários ministeriais da União Central e Da Divisão Sul-Americana.

Os pastores das instituições também tiveram seu encontro, durante os dias 18 a 20 de agosto, em Águas de Lindóia. Na ocasião, 75 pastores discutiram a padronização de procedimentos ministeriais e foram incentivados a participar do programa evangelístico. As mensagens espirituais estiveram a cargo dos Pastores Ranieri Sales e Domingos Souza, presidente da UCB. **M**

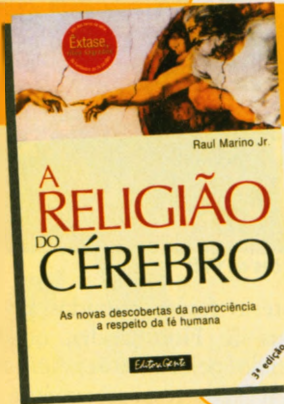
Para Pensar

“**A** simples capacidade para edificar e a aptidão para ensinar não bastam. São necessários outros talentos para completar a personalidade do pastor. Critério sadio e sólida experiência devem instruí-lo; maneiras gentis e qualidades amáveis devem governá-lo; firmeza e coragem devem ser manifestas; e não devem faltar ternura e simpatia. Os dons administrativos, para governar bem, são condições tão necessárias como os dons instrutivos para ensinar com eficiência. Vocês devem ser aptos para dirigir, devem estar preparados para agüentar, e devem ser capazes de perseverar. Quanto à graça, vocês devem estar de cabeça e ombros acima do restante do povo, capazes de ser seu pai e seu conselheiro.” – Charles Spurgeon

Humor



E lembrem-se: Seu casamento está ligado no Céu, mas o trabalho de manutenção é feito aqui na Terra.



A RELIGIÃO DO CÉREBRO

Raul Marino Jr., Editora Gente, São Paulo, SP, 169 páginas; telefex: (11) 3675-2500; gente@editoragente.com.br

Neste livro, o autor, professor de Neurocirurgia na Universidade de São Paulo, USP, conduz o leitor a uma viagem pelo cérebro humano e revela que determinadas regiões de sua anatomia funcionam como antenas que captam as vibrações de Deus. Para ele, a melhor maneira de comprovar a existência de Deus é justamente por meio da razão. Ao contrário de se excluir, espiritualidade e razão se completam, propondo uma nova visão do mundo.

NÃO TENHO FÉ SUFICIENTE PARA SER ATEU

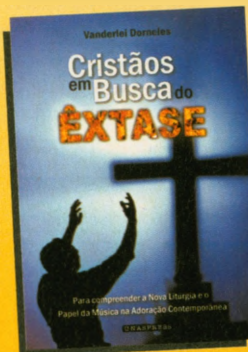
Norman Geisler e Frank Turek, Editora Vida, São Paulo, SP, 421 páginas; tel.: (11) 6618-7000; www.editoravida.com.br



Antes de tocar a questão da verdade do cristianismo, esta obra aborda a questão da própria verdade, provando a existência da verdade absoluta. Os autores desmontam a afirmação do relativismo moral e da pós-modernidade, resultando em uma valiosa contribuição aos escritos contemporâneos da apologetica cristã.

CRISTÃOS EM BUSCA DE ÊXTASE

Vanderlei Dorneles, Unaspres, Engenheiro Coelho, SP, 272 páginas; tel.: (19) 3858-9055; www.unaspres.unasp.edu.br

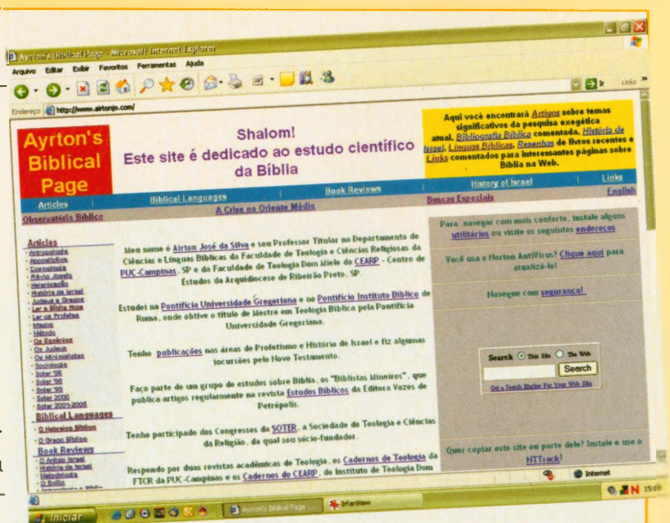


Cristãos em Busca de Êxtase inaugura uma nova discussão nas questões relacionadas com a música de adoração. Analisa como o pós-modernismo proveu um ambiente favorável ao crescimento do pentecostalismo, com sua forte ênfase em experiências místicas, semelhantes às das religiões primitivas. É leitura indispensável à lucidez cristã nestes tempos.

VEJA NA INTERNET

www.airtonjo.com

Esse site é mantido por um professor de teologia de universidades católicas e vale pela quantidade e diversidade de bons materiais sobre diferentes assuntos relacionados com o estudo da Bíblia. Na coluna de links que fica na parte mais à esquerda da tela estão os acessos para os Artigos (Articles), textos de auxílio para estudo das Línguas Bíblicas (Biblical Languages), História de Israel (History of Israel), e os links para dezenas de ótimos sites sobre: Antigo Testamento, Apócrifos, Arqueologia, Judaísmo, Manuscritos do Mar Morto, Novo Testamento, Textos Originais da Bíblia, etc. Vale a pena também visitar o blog Observatório Bíblico, do autor desse site, o qual é dedicado a comentar brevemente temas da atualidade relacionados com estudos acadêmicos da Bíblia. — Márcio Dias Guarda





Alejandro Bullón

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana
da IASD

CRESCIMENTO INTERIOR

Gosto de descobrir livros interessantes. Sempre que tenho tempo, visito livrarias, à procura de novos livros, a fim de ver a tendência dos escritores modernos. E uma das coisas que me impressionam ultimamente é ver a abundância de livros sobre liderança, inteligência emocional, qualidade total e auto-ajuda. Eles estão todas as semanas na lista dos mais vendidos. Parece que o ser humano nunca se preocupou tanto com seu crescimento interior. Mas esse tipo de crescimento não se resume apenas a princípios de qualidade total. Não basta conhecer a teoria expressada em palavras bem elaboradas. Argumentos didaticamente desenvolvidos e belas frases de impacto não são suficientes.

Conceitos teóricos ajudam, podem mudar a maneira de pensar, mas isso não é crescimento interior, não do ponto de vista bíblico. Crescimento interior é mudança de vida, atitudes e prioridades. Porém, vivemos num tempo em que a teoria é endeusada e as pessoas ficam fascinadas por literatura de auto-ajuda, como se seus conceitos fossem a revolução do século 21. Ignoram que tais princípios “modernos” permanecem empoeirados nas páginas das Sagradas Escrituras. O endeusamento da teoria leva as pessoas a pensar que aquele que mais sabe vale mais. Então, correm atrás da teoria, esquecidas do que realmente vale: uma vida construída de realidades práticas, servindo ao semelhante.

As histórias de muitos personagens bíblicos me causam impacto. Gosto muito de João. Seu evangelho apresenta coisas simples que não foram registradas pelos outros evangelistas, como o encontro de Jesus com Nicodemos, com a samaritana ou o relato das bodas de Caná. A vida de João me emociona, inspira, encoraja e anima a continuar crescendo, apesar das deficiências de minha personalidade e das fraquezas de meu temperamento.

Se tivesse que apresentar alguém como exemplo de crescimento interior, este seria João. Um dia, ele chegou a Jesus com uma personalidade distorcida. Se tivesse de ser avaliado por uma Comissão Diretiva, para ingressar no ministério, talvez nunca chegasse a ser pastor. Seu apelido “Filho do Trovão” denuncia o temperamento desse homem que foi transformado no “Apóstolo do Amor”. É assim que Jesus faz: toma pedras brutas, velhos troncos retorcidos, cacos de vidro destinados ao lixo e lhes dá forma, até torná-los verdadeiras obras de arte.

Muito tempo depois, encontramos João numa ilha solitária, em Patmos. Sentado numa rocha, de frente para o mar, sentia as ondas molhando seus pés. A juventude passara, sua vida estava chegando ao fim e já não era mais conhecido como o “Filho do Trovão”. Crescera. Era o grande líder que, além do evangelho, escrevera três epístolas para edificar espiritualmente a igreja, e estava escrevendo o último livro da Bíblia. Encerrou seu ministério de modo brilhante e inspirador.

Nos escritos de João, encontramos os melhores princípios de liderança, inteligência emocional e qualidade total que jamais existiram. Onde os achou? De onde os aprendeu? Como os recebeu? A moderna literatura de auto-ajuda mostra *o quê*, mas não ensina *como*. A vida de João apresenta *o como* e, depois, mostra *o quê*. Sua vida foi de comunhão diária com Jesus. Sempre ao lado do Mestre, não se limitou a caminhar e trabalhar com Ele. Foi além. Saiu da rotina de uma comunhão formal e entrou na dimensão da intimidade espiritual com Jesus. Reclinou a cabeça ao peito do Mestre, permanecia a sós com Ele, além das atividades comuns que seu discipulado requeria.

Finalmente, quando todos os discípulos abandonaram o Mestre, João estava ao pé da cruz do Calvário, para receber de Jesus a incumbência de cuidar de Maria. O resultado dessa comunhão foi crescimento interior, que prefiro chamar de crescimento espiritual, mudança de vida, atitude e comportamento. Algo que conceitos humanos não têm o poder de fazer porque, embora possam mudar a maneira de pensar, somente Jesus muda o modo de agir.

“Deus toma os homens tais como são, com os elementos humanos de seu caráter e os prepara para Seu serviço, caso queiram ser disciplinados e dEle aprender. Não são escolhidos por serem perfeitos, mas apesar de suas imperfeições, para que, pelo conhecimento e observância da verdade mediante a graça de Cristo, possam se transformar à Sua imagem.” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 294.

Quem dera que, com a mesma ansiedade com que devoramos livros e ouvimos palestras dos gurus de auto-ajuda, buscássemos diariamente a Jesus, em oração e através do estudo pessoal da Bíblia! Que mudança haveria em nossa vida e nosso ministério! Seja esta nossa oração: “Senhor Jesus, ajuda-me a buscar-Te todo dia. Ajuda-me a depor nas Tuas mãos a minha vida imperfeita e, por favor, faz por mim o que eu não consigo fazer sozinho!”

Complete sua coleção! Chegou Testemunhos para a Igreja - Vol. 9



Vol. 1 - Cód. 6642
Vol. 2 - Cód. 6643
Vol. 3 - Cód. 6644
Vol. 4 - Cód. 6645
Vol. 5 - Cód. 6646
Vol. 6 - Cód. 6640
Vol. 7 - Cód. 6647
Vol. 8 - Cód. 6648
Vol. 9 - Cód. 6649

*Indispensável para pastores, anciãos,
líderes e demais membros da igreja.*

Este é o último volume da coleção *Testemunhos para a Igreja*.
Traz conselhos relacionados à grande obra da igreja na Terra, tais
como o uso da literatura, a obra nas cidades, reforma de saúde,
unidade, liberdade religiosa, mordomia, liderança, responsabilidade,
beneficência, e muitos outros assuntos.

Adquira também os outros volumes da coleção.

Para adquirir ligue: **0800-9790606***, acesse: **www.cpb.com.br**, faça seu
pedido no **SELS de sua Associação**, ou dirija-se a uma das lojas da **CASA**.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.

